

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

TATHIANA GONÇALVES SILVA

**AS MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA PARA CRIANÇAS**

São Paulo

2011

TATHIANA GONÇALVES SILVA

AS MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA PARA CRIANÇAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Gaston Hilgert.

São Paulo

2011

S586m Silva, Tathiana Gonçalves.

As marcas da oralidade em textos de divulgação científica para crianças / Tathiana Gonçalves Silva. - 99 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

Bibliografia: f. 95-99.

1. Enunciação. 2. Texto de divulgação científica. 3. Oralidade. 4. Procedimentos enunciativos. I. Título.

CDD 302.2242

TATHIANA GONÇALVES SILVA

AS MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA PARA CRIANÇAS

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gaston Hilgert-Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prf^a. Dr^a. Elida Jacomini Nunes
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Pro^a. Dr^a. Margarida Maria Taddoni Petter
Universidade de São Paulo

Aos meus pais, pelo constante incentivo e apoio para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr José Gaston Hilgert, orientador desta dissertação, por todo empenho, sabedoria, compreensão e acima de tudo exigência, que, com diretrizes seguras, muita paciência, constante acompanhamento e incentivo me orientou e que, com sua competência me fez concluir este trabalho.

Aos meus professores do programa de mestrado da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que muito me ensinaram durante o curso.

Aos meus professores de graduação e pós- graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que contribuíram na minha formação acadêmica e me incentivaram a prosseguir os meus estudos.

Aos meus pais, minha eterna gratidão, que sempre me deram amor e força, valorizando os meus potenciais.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução desta dissertação.

O homem é um ser que se criou a si próprio ao criar uma linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si próprio. (Octavio Paz)

RESUMO

O presente trabalho de dissertação analisa estratégias enunciativas que imprimem marcas de oralidade em textos de divulgação científica para crianças. Esses traços de oralidade permitem aproximar o produtor desse texto de seu leitor e este do objeto de interação. A finalidade do texto de divulgação científica para crianças é tornar acessível a um público infantil o tema e a linguagem dos textos científicos com o qual ele não está familiarizado. O texto de divulgação é, no caso, uma paráfrase do texto original a qual revela estratégias enunciativas que identificam nela marcas de oralidade. A oralidade se manifesta nas escolhas lexicais, nas construções sintáticas e em outros recursos que imprimem nesse tipo de texto, as características da fala. Essas escolhas visam promover uma aproximação entre o autor e o leitor (neste caso, o público infantil) e o objeto de que trata o texto. A análise dos procedimentos enunciativos empregados nesse tipo de texto se fundamentará principalmente nos fundamentos da enunciação. Nessa perspectiva será referência central o cenário enunciativo em que se realiza a interação entre enunciador e enunciatário, ou seja, entre autor/parafraseador e leitor.

Palavras-chave: Enunciação. Texto de divulgação científica. Oralidade. Procedimentos enunciativos.

RESUMEN

Este trabajo de disertación analiza estrategias enunciativas que imprimen marcas de oralidad en textos de divulgación científica para niños. Estos rasgos de oralidad permiten aproximar el productor de ese texto de su lector y éste del objeto de interacción. La finalidad del texto de divulgación científica para niños es convertir accesible a un público infantil el tema y el lenguaje de los textos científicos, con el cual, este público, no está habituado. El texto de divulgación es, en este caso, una parafrásis del texto original que revela estrategias enunciativas que identifican en el texto las marcas de oralidad. La oralidad se manifiesta en las selecciones lexicales, en las construcciones sintácticas y en otros recursos que imprimen en ese tipo de texto, las características del habla. Estas selecciones tienen como objetivo promover una aproximación entre el autor y el lector (en este caso, el público infantil) y el objeto del cual trata el texto. El análisis de los procedimientos enunciativos utilizados en ese tipo de texto, se fundamentará principalmente en los fundamentos de la enunciación. En esa perspectiva será referencia central el escenario enunciativo en el cual se realiza la interacción entre enunciador y enunciatario, es decir, entre autor/parafraseador y lector.

Palabras-clave: Enunciación. Texto de divulgación científica. Oralidad. Procedimientos enunciativos.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1 - CARACTERÍSTICAS DO TEXTO FALADO | 13 |
| 1.1 - Considerações gerais sobre a interação falada | 13 |
| 1.2 - Características gerais do texto conversacional..... | 14 |
| 1.3 - O turno conversacional..... | 17 |
| 1.4 - Os marcadores conversacionais | 22 |
| 1.5 - A Paráfrase e a correção..... | 24 |
| 1.6 - O léxico e a sintaxe na língua falada..... | 28 |
| 1.7 - A organização do tópico conversacional..... | 30 |
| 2 - DISTRIBUIÇÃO ESCALAR DOS GÊNEROS: DA ORALIDADE À ESCRITURALIDADE | 32 |
| 2.1 - O texto escrito e o texto oral na perspectiva de um <i>continuum</i> tipológico de produção textual | 33 |
| 2.2 - A conversa no MSN | 35 |
| 2.3 - Análise de um e-mail informal..... | 40 |
| 2.4 - Análise de um e-mail formal..... | 41 |
| 2.5 - Análise de uma carta informal | 42 |
| 2.6 - Análise de uma carta formal..... | 43 |
| 2.7 - Análise de um editorial do jornal <i>Agora São Paulo</i> | 44 |
| 2.8 - Análise de um editorial do jornal <i>F. de São Paulo</i> | 45 |
| 3 - FUNDAMENTOS DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO | 47 |
| 4 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS DE DIVULGAÇÃO | 51 |
| 4.1 - A propósito do <i>corpus</i> | 51 |
| 4.2 - Sobre os procedimentos metodológicos..... | 52 |
| 4.3 - Análise e Interpretação do <i>corpus</i> | 52 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 96 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 98 |

INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende analisar a oralidade em textos escritos. No entanto este parece ser um tema contraditório, afinal a oralidade é um caráter da fala e não da escrita. Será, portanto, necessário, num primeiro momento, entendermos que a oralidade pode manifestar-se tanto em textos falados quanto em escritos. A oralidade no texto falado se manifesta na interação face a face em que os falantes, alternando turnos, abordam um determinado tema sem preparação prévia. É essa a oralidade propriamente dita, em sua realização sonora. Já a oralidade no texto escrito é um efeito de sentido produzido pelo uso de certos recursos de linguagem na construção do texto que evocam traços próprios das interações faladas. Portanto, podemos dizer que, quando falamos em oralidade na escrita, compreendemos que há um efeito de oralidade, que se cria um simulacro da fala.

O objetivo deste trabalho é analisar esses recursos de linguagem num gênero de texto que é constituído por textos de divulgação científica para crianças, já que eles são caracterizados pelos traços de oralidade. Esses traços têm sua origem nos procedimentos de formulação textual daquele que escreve, isto é, eles se manifestam nas escolhas lexicais, nas construções sintáticas e em outros recursos do autor do texto para imprimir nesse tipo de texto as características da fala. No entanto, essas escolhas são determinadas por aquele a quem o autor se dirige, isto é, o seu leitor. Convém destacar que, em termos gerais, essas escolhas visam a promover uma aproximação entre o autor e o leitor e entre o leitor e o objeto de que trata o texto. O estudo da oralidade vem crescendo a partir das décadas de 80 e 90, e como professora de interpretação e produção de textos, o tema sempre me instigou, principalmente como as marcas da oralidade apareciam frequentemente nos textos escritos dos alunos e que funções assumiam nesses textos. Dessa forma nasceu o interesse em trabalhar a linguagem oral em textos escritos.

De modo geral, a oralidade em textos escritos pode aparecer em graus variados e até mesmo estar totalmente ausente, o que determinaria textos com grau máximo de escrituralidade. Assim, podemos perceber uma espécie de gradação no que respeita à presença da oralidade nos vários gêneros de texto, pois há textos com uma presença mais recorrente e variada dos traços da oralidade e outros, como dito anteriormente, em que ela pode estar totalmente ausente. De acordo com Koch e Oesterreicher, apud Hilgert (2000: 218),

condições de proximidade geram interações que resultam em textos identificados pela oralidade, e condições de distanciamento engendram textos caracterizados pela escrituralidade. À proximidade e à distância está vinculada uma série de fatores que configuram os interlocutores e suas relações interativas, tais como o grau de privacidade, de cumplicidade, de envolvimento emocional, de espontaneidade, de cooperação, dialogicidade.

Dessa forma, imprimir as marcas de oralidade num texto ou marcá-lo pela ausência delas podem ser estratégias enunciativas utilizadas no texto para produzir os efeitos de sentido de proximidade e de distanciamento entre o enunciador e o enunciatário. Podemos dizer que as marcas de oralidade nos textos escritos devem ser compreendidas como projeções da enunciação nos enunciados e sua análise deve ser feita a partir dos fundamentos teóricos da enunciação que governam a construção dos textos em geral.

Procuraremos, assim, reconhecer e analisar os traços de oralidade presentes nos textos de divulgação científica para crianças, mostrando como essas marcas se revelam nos diferentes níveis da estruturação textual, identificando, desse modo, os efeitos de sentido que são produzidos nesses textos graças a esses recursos. Em outras palavras, trataremos dos recursos utilizados nos textos para aproximar o autor do leitor (neste caso, o público infantil) e este do assunto divulgado, o que resulta em mostrar as marcas de oralidade nesses textos, pois no que se refere à linguagem, quando há proximidade entre as pessoas, há o abandono da escrituralidade e a busca dos procedimentos da oralidade. Por fim, discutiremos a importância da oralidade em textos para o público infantil.

As marcas de oralidade presentes no gênero de texto aqui em foco serão analisadas a partir dos fundamentos teóricos da enunciação, partindo do princípio de que toda manifestação discursiva se realiza pela enunciação, por meio da qual se instalam nos textos pessoa, tempo, espaço e outros elementos de concretização de sentidos. Assim, essa aproximação entre autor e leitor e entre leitor e os temas presentes nos textos que serão objetos de nossa análise se manifesta a partir de certas características dos textos que são projeções dos procedimentos enunciativos, revelando por parte do enunciador em interação com o enunciatário, a direção das categorias e instâncias da enunciação para produzir os efeitos de sentido. A enunciação é o ato de um sujeito-destinador interagir, em situação de comunicação, com um sujeito-destinatário, implicando essa interação uma manipulação em que ao destinador cabe, em sentido amplo, um fazer persuasivo e ao destinatário um fazer interpretativo. O produto do ato da enunciação, falado ou escrito, é o enunciado (cf. Hilgert, 2007).

De acordo com a breve exposição até aqui feita, fazemos a seguir uma pequena apresentação das partes que serão desenvolvidas nesta dissertação.

O primeiro capítulo apresentará as características próprias de um texto conversacional. Assim, se a oralidade nos textos escritos é um efeito de sentido produzido por certos recursos de linguagem na construção desse texto que lembram as marcas próprias das interações faladas, temos de mostrar, então, quais são as características próprias da fala. Dessa forma, abordaremos aqui quais são essas características da linguagem falada presentes no texto conversacional que podem aparecer nos textos que serão objetos de nossa análise. Serão abordados tópicos como o não planejamento da fala, o turno conversacional, os marcadores conversacionais, a paráfrase e a correção como procedimentos de reformulação, o léxico e a sintaxe no texto falado.

O segundo capítulo procurará levantar quais dessas características são mais comumente evocadas nos textos escritos e constatar com que intensidade e profundidade esses traços se manifestam nesses textos. Cabe destacar que nem em todas as marcas das manifestações sonoras da língua são representáveis na manifestação escrita, pois muitas delas são específicas da fala, ou seja, do uso sonoro da linguagem. Os traços que aparecem representados na escrita e a quantidade de sua ocorrência irão apresentar variações de acordo com os gêneros textuais. Neste capítulo serão analisados alguns gêneros textuais escritos que apresentarão diferentes níveis de oralidade. Para exemplificar analisaremos alguns textos como um diálogo no MSN, um e-mail informal, um e-mail formal, uma carta informal e outra formal e um editorial do jornal *Agora São Paulo* e outro editorial da *F.de São Paulo*. Abordaremos esses textos verificando que em alguns se nota uma presença mais intensa e variada dos traços da oralidade e em outros essa presença praticamente não existe. Dessa forma, este capítulo tratará da oralidade em diferentes gêneros, distribuídos num *continuum* que vai dos fortemente marcados pela oralidade àqueles em que ela está praticamente ausente.

O terceiro capítulo tratará dos fundamentos teóricos da enunciação que explicam as características da interação face a face à luz do princípio de que toda manifestação discursiva se realiza pela enunciação. Inicialmente destacaremos o fato de que conversamos não simplesmente para conversar, mas para realizar nossas práticas sociais, já que a conversa é o registro do uso da linguagem no momento da realização da prática social. Assim, a conversa é um registro do aqui e agora da enunciação, isto é, da construção do discurso na instância da interação. A partir dos fundamentos teóricos da enunciação serão mostradas quais categorias e estratégias enunciativas conferem oralidade à conversa e, conseqüentemente, também ao texto escrito. Analisaremos o que essas características revelam no que respeita às relações

enunciador-enunciatório (falante-ouvinte), enunciador-enunciado (texto) e enunciatório-enunciado (texto), e no que se refere à compreensão e à interpretação dos enunciados e aos efeitos de sentido que produzem as estratégias enunciativas. Será mostrado que a oralidade (em sentido conceptual) é a linguagem da proximidade e a escrita (também em seu sentido conceptual) é a linguagem da distância.

O quarto capítulo apresentará o corpus da dissertação, as considerações sobre os procedimentos metodológicos e a análise e interpretação do mesmo. O *corpus* da dissertação é formado por um conjunto de nove textos da revista Ciência Hoje das Crianças On - Line (CH das crianças on-line), que é uma das várias publicações do Instituto Ciência Hoje (ICH). O ICH publica a revista Ciência Hoje desde 1982, a Ciência Hoje das Crianças desde 1986 e os livros da série Ciência Hoje na Escola desde 1996. Desde 1997, o Instituto mantém também um site de divulgação científica na internet: a Ciência Hoje On-Line (<http://cienciahoje.uol.com.br/materia/view/386>) que é a fonte de onde foram selecionados os textos deste corpus. Nessa revista, os textos tratam de assuntos relacionados às áreas científicas tais como Antropologia, Arqueologia, Paleontologia, Artes e Literatura entre outros. Em nossa análise selecionamos textos que abordam a área da Biologia, da Física e das Artes e entretenimento.

A análise do *corpus* desta dissertação abordará como as categorias e estratégias se manifestam e vêm representadas no gênero de texto escrito de divulgação científica para crianças, objeto de análise deste trabalho. Serão analisados nos textos escolhidos principalmente os traços enunciativos do texto relativos à pessoa, ao tempo e ao espaço, ou seja, as características explícitas identificadas a partir das categorias da enunciação. Além disso, outros aspectos que imprimem oralidade aos textos escritos serão focalizados tais como: perguntas retóricas, recursos lexicais, expressões idiomáticas, fórmulas estereotipadas. Também serão observados os recursos sintáticos utilizados nos textos, verificando, por exemplo, a estruturação dos períodos, os recursos figurativos tais como metáforas, analogias, comparações, aspectos de intertextualidade e outros.

A título de finalização será abordada a imagem do leitor que emerge desses textos, ou seja, como a criança é vista, em diferentes perspectivas, nesses textos e como o tema escrever para crianças apresenta características próprias, isto é, características que revelam a presença e a importância da oralidade para o público infantil nesses tipos de textos.

1 CARACTERÍSTICAS DO TEXTO FALADO

Entendemos por oralidade na escrita um efeito de sentido produzido por certos recursos de linguagem usados na construção do texto escrito que evocam as características próprias das interações faladas. Portanto, quando falamos em oralidade no texto escrito falamos de efeitos de oralidade. Assim, nos textos escritos marcados pela oralidade encontraremos um simulacro da fala, ou seja, uma representação artificial da realidade da fala. Desse modo, se a oralidade na escrita é, resumidamente, o que expusemos acima, quais são os traços próprios das interações faladas em situações face a face, isto é, das conversas?

1.1 Considerações gerais sobre a interação falada

A função comunicativa da linguagem verbal implica normalmente uma alocução, ou seja, a existência de um destinatário fisicamente distinto do falante, uma interlocução, isto é, uma troca de palavras, uma comunicação oral face a face, na qual, pelo menos dois falantes se exprimem, cada qual em seu turno. Enfim, o exercício da fala implica uma interação, pois durante uma troca comunicativa qualquer, os participantes, exercem uns sobre os outros uma série de influências mútuas, isto é, trocar e mudar na troca (cf. Orecchioni, 2006).

Desse modo, o emissor apresenta certas características que está falando com alguém a partir de certos procedimentos denominados fáticos, dos quais o falante se vale para certificar-se da escuta de seu destinatário. Como exemplo desses procedimentos, temos a orientação do corpo, a direção do olhar, o uso de certas formas de tratamento, marcadores de fala (como *hein, né, sabe, você, vê, digamos, vou te dizer, nem te conto*, etc.), correção de falhas de escuta ou de problemas de compreensão por meio da intensidade vocal, de retomadas ou reformulações (cf. Orecchioni, 2006).

Também de acordo com Orecchioni (2006), o ouvinte deve também produzir alguns sinais que visam a confirmar ao falante que está, realmente, atento à comunicação. São os chamados reguladores (ou sinais de escuta) que apresentam realizações diversas. Podem ser não verbais (como o olhar, meneios da cabeça, franzimento de sobrancelhas, sorrisos, mudanças de postura, manifestações vocais (*hummm*) ou verbais (*sim, certo*) ou retomadas na

forma de eco). Podemos assim dizer que, na interação face a face, o discurso é inteiramente “co-produzido, pois é um trabalho colaborativo incessante” (cf. Orecchioni, 2006:11).

Há algumas regras conversacionais que se fazem presentes nas mais variadas atividades de nosso dia a dia. Elas costumam apresentar uma natureza bastante diversa, pois algumas valem para todos os tipos de interação enquanto que outras são específicas de um ou outro gênero em particular, sendo bastante compatíveis com o contexto. Elas podem variar, segundo as sociedades e as culturas, e podem ser relativamente flexíveis, sendo adquiridas progressivamente desde o nascimento, no entanto, seu aprendizado não é sistemático, pois geralmente aplicamos essas regras de maneira inconsciente (cf. Orecchioni, 2006).

A respeito da língua oral, assim se expressa Orecchioni (2006: 37)

É, primeiramente, sob a forma oral que a linguagem verbal se realiza: ainda que tenha admitido essa verdade evidente, a lingüística moderna nem sempre tirou as conseqüências metodológicas que dela se seguem. Assim, poder-se-ia mostrar que é em relação à escrita, admitida como norma, que foram geralmente efetuadas as descrições sintáticas; e que o oral espontâneo é ainda muito frequentemente considerado como subproduto da linguagem, conforme o testemunha a atitude que a gramática tradicional adota diante daquilo que considera como “falhas” características da fala cotidiana.

1.2 Características gerais do texto conversacional

Quando conversamos, exercemos, num determinado momento e espaço, uma atividade característica e própria do ser humano, a atividade verbal. No contexto do diálogo, os interlocutores alternam seus papéis de falante e ouvinte e, como produto dessa atividade, temos o texto conversacional, em uma determinada situação de comunicação. Assim, a fala ocorre num contexto situacional específico, ou seja, a situação imediata, o momento e as condições em que tal evento acontece, incluindo, também, os próprios interlocutores com suas características individuais e os possíveis laços que os unem (cf. Rodrigues, 2010). Podemos dizer, então, que a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora. Ela é a forma primária reveladora do caráter dialógico da linguagem, pois, quando conversamos, normalmente o fazemos com perguntas e respostas, ou com asserções e réplicas (cf. Marcuschi, 1982).

De acordo com essas observações, encontramos cinco características básicas constitutivas das conversações: “a interação entre pelo menos dois falantes; a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; a presença de uma seqüência de ações coordenadas; a execução numa identidade temporal; o envolvimento numa interação centrada”(cf. Marcuschi,

1982:15). A conversação é um evento de fala que corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que os interlocutores (dois ou mais) dedicam-se a uma tarefa comum, que é a de trocar ideias sobre um determinado assunto. O diálogo natural, isto é, aquele que ocorre naturalmente no dia a dia, dá-se na interação face a face, ao mesmo tempo e num mesmo espaço. Realmente, apenas a identidade temporal é necessária, posto que, nas conversas telefônicas, a identidade espacial não é condição necessária para que haja uma conversação.

Segundo Marcuschi (1982), iniciar uma interação significa abrir-se para um evento cujas expectativas mútuas serão montadas, já que em certos casos há alguém que inicia um diálogo com um objetivo definido em questão de tema a tratar e supõe que o outro esteja de acordo com o tratamento daquele tema, o que indica que, além do tema em mente, ele tem também uma pressuposição básica, que é a aceitação do tema pelo outro. Iniciada a interação, os participantes devem agir com atenção tanto para o fato linguístico como para os paralinguísticos, tais como gestos, olhares, movimentos do corpo e outros. Assim, a interação pode implicar também na expressão facial, nos gestos, nos olhares, ou seja, na comunicação não verbal, nos dados paralinguísticos que, combinados com a comunicação verbal, completam o quadro da interação. Todos esses elementos constituem aquilo que designaríamos por uma conversa.

Em termos gerais, o diálogo, se estabelece na medida em que existe algo sobre o que conversar (cf. Marcuschi, 1982) e disponibilidade dos interlocutores para a conversa. O assunto, ou seja, aquilo sobre o que se fala, deve ser desenvolvido pelos interlocutores, podendo partir de um processo de planejamento estabelecido por um dos interlocutores. Assim, a conversa move-se em torno de um assunto, condição esta indispensável para a coerência do produto da conversação, isto é, do texto conversacional (cf. Rodrigues, 2010). “Dessa forma, para produzir e sustentar uma conversação, duas pessoas devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns, tais como a aptidão lingüística, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais” (Marcuschi, 1982: 16), já que os esquemas comunicativos e a consecução de objetivos exigem partilhamentos e aptidões cognitivas que superam em muito o simples domínio da língua em si.

Por outro lado, se, na conversação espontânea, o assunto pode sugerir algum grau de planejamento, dificilmente falamos em formulação verbal planejada (cf. Urbano, 1990). A questão do planejamento discursivo é discutida por Ochs (apud Rodrigues, 1979), que aborda os quatro níveis de planejamento no discurso de falantes cultos de inglês: falado não planejado, falado planejado, escrito não planejado e escrito planejado.

De modo geral, a língua falada apresenta uma tendência para o não planejado, ou, de acordo com as ideias de Ochs, a língua falada é planejada localmente, ou seja, constitui uma atividade administrada passo a passo. O texto, como já foi dito anteriormente, é o produto de um trabalho cooperativo dos dois interlocutores que o vão compondo à medida que a conversa se realiza. Consequentemente, cada turno pode colocar uma reorientação, mudança ou quebra do ponto de vista em curso (cf. Marcuschi, 1982) e marcas do processo de planejamento ou replanejamento podem ser detectadas no texto falado.

Dessa forma, podemos associar a ideia de não planejamento, ou de atividade administrada passo a passo, a uma outra característica da língua falada sugerida por Chafe (apud Rodrigues, 2010), que é a fragmentação. Para Chafe e outros investigadores, a língua falada espontânea é produzida aos jatos, que são unidades de ideia ou unidades significativas, com um contorno entonacional típico e limitadas por pausas. A passagem de uma unidade para outra é feita muito rapidamente, o que torna o processo de falar bem mais rápido do que o de escrever. Assim, na fala, produzimos apenas uma ideia por vez e, além disso, cada unidade de ideia tende a ser, na fala, menos longa e menos complexa do que na escrita.

A fala, assim, torna-se entremeada de pausas e alongamentos, fenômenos típicos da língua falada, que vão lhe dando tempo para organizar seu texto. O texto, por sua vez, revela-se fragmentado de termos sintáticos, pois frases são cortadas ou as ideias são retomadas em frases estruturadas de uma maneira diferente daquela que se apresentava no início. Há ruptura da construção (anacoluto), na medida em que a frase se desvia da sua trajetória, tomando nova direção sintática. Além de rupturas, as repetições de palavras e frases também são muito frequentes.

Na língua falada, observamos, portanto, frases mais independentes umas com relação às outras, tornando sua identificação e classificação funcional um problema de difícil solução (cf. Rodrigues, 2010).

Um outro aspecto a ser considerado nos textos conversacionais é a respeito do envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa, ao seu comprometimento com o tópico conversacional. Chafe (apud Rodrigues, 2010) destaca uma das facetas do fenômeno do envolvimento, característico da língua falada. Esse envolvimento, segundo o autor, explica o próprio processo de elaboração do texto conversacional, que, como já dissemos anteriormente, é o resultado de um trabalho cooperativo, “a duas vozes”. Há ainda outros tipos de envolvimento, como o do falante consigo mesmo, o ego-envolvimento, e o do falante com o ouvinte, relacionado com a dinâmica da interação com a outra pessoa.

O uso de pronomes pessoais de 2ª pessoa (tu e você) denotam o envolvimento do falante com o ouvinte, assim como certos marcadores conversacionais como *certo*, *lógico*, *ah sim*, demonstram sinais de entendimento que confirmam ser características da língua falada (cf. Rodrigues, 2010).

Postas essas características gerais, discorreremos, nos tópicos seguintes, sobre alguns aspectos que dão identidade específica ao texto conversacional e que são frequentemente simulados nos textos escritos para produzirem efeitos de oralidade.

1.3 O turno conversacional

Toda conversação é sempre situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados, sendo o turno conversacional a alternância de papéis de falante e ouvinte. Desse modo, para que ocorra o diálogo, é necessário que sejam postos em presença ao menos dois interlocutores que falem alternadamente, sendo que essa interação verbal se apresenta como uma sucessão de turnos de fala. Dessa forma, os participantes são submetidos a um sistema de direitos e de deveres, que segundo Orecchioni (2006: 44), são os seguintes

O “falante de turno” (L1: current speaker) tem o direito de manter a fala por certo tempo, mas também o dever de cedê-la num dado momento; seu “sucessor” potencial (L2: next speaker) tem o dever de deixar F1 falar e de ouvi-lo enquanto ele fala; o sucessor potencial também tem o direito de reivindicar o turno de fala ao final de certo tempo e o dever de tomá-la quando lhe é cedida.

Desse modo, a atividade dialogal tem por fundamento o princípio da alternância, procurando estabelecer um equilíbrio relativo da duração dos turnos e um equilíbrio também absolutamente relativo da focalização do discurso, que deve, em princípio, se centrar sucessivamente em F1 e F2.

Uma das maneiras de se compreender a organização do texto conversacional é analisar os processos pelos quais ocorre esta alternância nos referidos papéis e o modo pelo qual os participantes atuam na construção do diálogo. De acordo com a proposta do linguista alemão Steger apud Marcuschi (1982:16)

devemos distinguir dois tipos de diálogos, sendo apenas um deles propriamente uma conversação em sentido estrito: temos os diálogos assimétricos, em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s). Temos como exemplos as entrevistas, os inquéritos e a interação em sala de aula. Em contrapartida, os diálogos simétricos são aqueles em que vários participantes têm supostamente o mesmo direito à autoescolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo. Como exemplos nessa modalidade temos as conversações diárias e naturais.

Assim em uma conversação simétrica os interlocutores contribuem efetivamente para o desenvolvimento do tópico conversacional do fragmento, pois cada interlocutor busca engajar-se na execução do objetivo comum, buscando discutir o assunto e expor o seu ponto de vista (cf. Galembeck, 2010).

Em contraposição, na conversação assimétrica, um dos interlocutores domina a situação, através de uma série de intervenções, com nítido caráter referencial, isto é, intervenções nas quais se desenvolve o assunto do fragmento. O outro interlocutor só contribui com intervenções secundárias em relação ao tópico do fragmento conversacional (cf. Galembeck, 2010)

No dizer de Marcuschi (1982:16), a afirmação de simetria de papéis é pouco verdadeira:

pois a diferença de condições socioeconômicas e culturais ou até de poder entre os indivíduos deixa-os em diferentes condições de participação no diálogo. A própria construção e negociação de identidades na interação bem como a apropriação da palavra ficam afetadas por essas condições.

Assim, podemos dizer que o conceito de turno valoriza tanto as conversações com valor informativo, ou seja, aquelas que desenvolvem o assunto tratado num diálogo, quanto aquelas intervenções breves, sinais de que um dos interlocutores está seguindo as palavras do seu parceiro conversacional. Esta posição acaba por considerar ambas as modalidades de intervenção importantes e significativas para a organização de textos e seqüências conversacionais.

De acordo com Marcuschi (1982:19)

considerando a universalidade empírica da regra “fala um de cada vez” e algumas técnicas para sua operação, S/S/J¹ (1974) sugeriram um sistema válido para interações espontâneas, informais, casuais, sem hierarquia de falantes, que é a um só tempo livre de contexto e mantém extraordinária sensibilidade contextual. Assim para qualquer conversação, é de esperar que apresente o seguinte:

¹ Na citação, Marcuschi somente apresenta essas iniciais, que identificam os autores Sacks, Shegloff e Jefferson.

- a) a troca de falantes ocorre ou pelo menos ocorre;
- b) em qualquer turno, fala um de cada vez;
- c) ocorrências com mais de um falante por sua vez são comuns, mas breves;
- d) transições de um turno a outro sem intervalo e sem sobreposição são comuns; longas pausas e sobreposições extensas são a minoria;
- e) a ordem dos turnos não é fixa, mas variável;
- f) o tamanho do turno não é fixo, mas variável;
- g) a extensão da conversação não é fixa nem previamente especificada;
- h) o que cada falante dirá não é fixo nem previamente especificado;
- i) a distribuição dos turnos não é fixa;
- j) o número de participantes é variável;
- k) a fala pode ser contínua ou descontínua;
- l) são usadas técnicas de atribuição de turnos;
- m) São empregadas diversas unidades construidoras de turno: lexema, sintagma, sentença etc;
- n) certos mecanismos de reparação resolvem falhas ou violações nas tomadas.

Desse modo, este conjunto de propriedades transforma a tomada de turno numa operação básica da conversação, e o turno passa a ser um dos componentes centrais do modelo. Sendo assim, há duas modalidades de turnos conversacionais (cf. Silva, Rosa e Galembeck, 1990: 69), “temos o turno nuclear, em que o falante desenvolve o tópico em andamento, ele possui um valor referencial nítido, isto é, veicula informações e também o turno inserido, cujo caráter não é referencial, pois não desenvolve o assunto da conversação.” Sua principal função é a indicação que um dos interlocutores acompanha as palavras do seu parceiro conversacional, e não necessariamente a transmissão de conteúdos informativos. Essa formulação valoriza ambas as modalidades de turno, independentemente de seu valor referencial, pois considera ambas as modalidades importantes na organização dos textos e sequências conversacionais.

Numa situação de simetria, os interlocutores participam do diálogo, com turnos nucleares, nos quais se desenvolve o assunto em andamento. Esses turnos nucleares formam uma sequência com outros turnos igualmente nucleares, sendo esses turnos designados por turnos nucleares justapostos (cf. Galembeck, 2010). Em contrapartida, numa situação de assimetria, um dos interlocutores produz intervenções de valor referencial, enquanto que o outro intervém com sinais de atenção, acompanhando as palavras de seu interlocutor. Essas várias intervenções apresentam turnos nucleares em andamento ou turnos inseridos.

Os turnos inseridos não participam do desenvolvimento do tema da conversação, visto que seu papel primordial é indicar que um dos interlocutores aceita e assume a posição de ouvinte. Entretanto, há situações em que o turno inserido liga-se ao desenvolvimento do tópico conversacional e, por essa razão, devemos fazer a distinção entre turnos inseridos com

função predominantemente interacional e os turnos inseridos que contribuem para o desenvolvimento dos tópicos (cf. Galembeck, 2010).

Os turnos inseridos apresentam como função o reforço, ou seja, são representados por algumas expressões não verbais de valor fático, como por exemplo, *ah*, *uhn*. Desse modo, essas expressões têm por objetivo indicar que o canal de comunicação está aberto e que, assim, o falante pode continuar a sua fala. Em contrapartida, temos também os turnos inseridos que contribuem para o desenvolvimento do tópico. Uma das funções desses turnos consiste na incorporação parcial de algumas palavras do interlocutor ou mesmo quando nos deparamos com um resumo das palavras do interlocutor. De qualquer forma, convém observarmos que os turnos inseridos não exercem um papel decisivo no desenvolvimento do tópico conversacional. No entanto, eles assinalam que o ouvinte acompanha atentamente as palavras do seu interlocutor, considerando-os assim como meios para o ouvinte indicar que participa de forma decisiva do desenvolvimento do ato conversacional.

A troca de falantes constitui também um dos itens de nosso estudo. Esse item dedica-se aos procedimentos pelos quais o ouvinte torna-se falante e o falante “segura” o próprio turno. Assim sendo, a troca de falantes constitui um fato intrínseco à natureza da conversação simétrica, na qual ambos os interlocutores desenvolvem o assunto tratado. De fato, a conversação simétrica caracteriza-se pela alternância contínua nas posições de falante e ouvinte, pois ambos os interlocutores participam da construção e desenvolvimento do tópico conversacional (cf. Galembeck, 2010).

Há dois processos de troca de falantes: a passagem e o assalto. Na modalidade da passagem de turno, a colaboração do outro é implícita ou explicitamente solicitada. Ou seja, o ouvinte intui que chegou no ponto em que lhe cabe tomar o assunto tratado, por meio de um turno nuclear. A passagem de turno está centrada nos lugares relevantes para a transição (LRTs), conceito estabelecido por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974 apud Galembeck, 2010). De acordo com esses autores, o LRT é um ponto em que o ouvinte percebe que o turno está completo ou concluído. Ainda, segundo os autores, a existência de LRTs decorre do fato de terem os ouvintes a capacidade de prever a unidade que o falante tem a intenção de usar e, assim, perceber o primeiro ponto em que a fala do seu interlocutor estará concluída. No entanto, o conceito de lugar relevante para a transição (LRTs) é intuitivo, por isso o analista da conversação defronta-se com dificuldade para determinar os LRTs, ainda que assuma a perspectiva do ouvinte. Essas dificuldades decorrem da circunstância de não ser o final do turno algo que evidencie por si, deste modo, faz-se necessário, identificar os LRTs pelo maior número possível de pistas ou marcadores de final de turno, tais como: a entoação ascendente e

a descendente, a pausa conclusa, os marcadores verbais (*sabe? né? entende? não é?*), os gestos (cf. Galembeck, 2010).

Sendo assim, há duas modalidades de passagem de turno: temos a passagem requerida e a passagem consentida. Na passagem requerida, o falante assinala uma pergunta direta, ou apresenta em sua fala os marcadores que testam a atenção ou buscam a confirmação do ouvinte. Como exemplo, temos: *né, não é... sabe, entende...* Já a passagem consentida nos revela uma entrega do turno implícita, pois o ouvinte intervém e passa a deter o turno, sem que o concurso tenha sido diretamente solicitado (cf. Galembeck, 2010).

Já o assalto de turno é marcado pelo fato de o ouvinte intervir sem que a sua participação tenha sido direta ou indiretamente solicitada. Assim, o ouvinte “invade” o turno do falante fora de um lugar relevante de transição (LRT), por isso o assalto representa uma violação do princípio básico da conversação, segundo o qual apenas um dos interlocutores deve falar por vez (cf. Marcuschi, 1982). O assalto pode ocorrer ou não na presença de alguma “deixa”. Quando o assalto é com deixa, o ouvinte aproveita-se de um momento de hesitação, caracterizado pela ocorrência dos seguintes fenômenos: pausas, alongamentos, repetições de palavras ou sílabas. Em contraposição, o assalto sem deixa é aquele que não ocorre em face de hesitação e corresponde a uma entrada brusca e inesperada do “assaltante” no turno do interlocutor. Convém lembrar que o assalto sem “deixa” sempre gera sobreposição de vozes (fala conjunta dos interlocutores), o que nem sempre ocorre no assalto com “deixa”. Além disso, nota-se que os momentos de sobreposição de vozes tendem a ser breves, já que os interlocutores têm a consciência de que ela deve ser evitada, pois constitui um momento de colapso, ou seja, de perturbação das regras que organizam o sistema conversacional (cf. Galembeck, 2010).

A sustentação do turno se dá a partir de alguns recursos que permitem preencher as brechas que ocorrem na conversação, como forma de conservar o turno, até que a sua elocução esteja completa. São eles: marcadores de busca de aprovação discursiva: *entende? né?, não acha?*; repetições: *indivíduo/indivíduo*; alongamentos: *de:: então::;voz: emPOLGAdo* (cf. Galembeck, 2010).

Podemos dizer que a conversação tem como característica principal o dinamismo, decorrente da proximidade entre os interlocutores. São várias as marcas que evidenciam esse dinamismo, tais como: a simetria, o monitoramento da fala do outro interlocutor, o assalto ao turno, a reformulação do que foi dito pelo outro interlocutor, a sustentação do turno, as pausas de planejamento, etc. Por força desse dinamismo, não cabe estabelecer regras para o texto conversacional (cf. Galembeck, 2010).

1.4 Os marcadores conversacionais

De acordo com Marcuschi (1982) os marcadores conversacionais são específicos e apresentam funções tanto conversacionais como sintáticas. Esses recursos podem ser subdivididos em três tipos de evidências: verbais, não verbais e supra-segmentais. Desse modo, os recursos verbais que operam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas de grande ocorrência. Eles não contribuem com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-se no contexto geral, particular ou pessoal da conversação. Alguns chegam até a não ser lexicalizados, tais como: “*mm*”, “*ahã*”, “*ué*” e muitos outros. Já os recursos não verbais ou paralinguísticos, tais como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação, têm um papel fundamental na interação face a face, pois estabelecem, mantêm e regulam o contato. Por último, temos os recursos supra-segmentais que são de natureza linguística, mas não apresentam caráter verbal. Os mais importantes são a pausas e o tom, de voz.

Segundo Urbano (2010:93), são chamados marcadores conversacionais aqueles “elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão”.

De acordo com Marcuschi (1982), os marcadores conversacionais são elementos típicos da fala, de grade frequência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discursivo-interacional. Eles são, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Assim, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela representa de interacional e pragmático. Dessa forma, são elementos que amarram o texto não só como estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal.

Temos diversos tipos de marcadores quanto ao aspecto formal ou estrutural. Podemos separá-los inicialmente em marcadores linguísticos e não linguísticos. Os primeiros podem ser verbais ou prosódicos, assim os verbais podem ser lexicalizados, como *sabe?*, *eu acho que* ou não lexicalizados, como *ahn ahn,eh eh*. Os prosódicos são a pausa, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e de altura, por exemplo. Os não linguísticos são o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação. São também de grande importância e recorrência,

sobretudo para sinalizar as relações interpessoais e podem ser chamados de paralinguísticos. Quanto à forma, podemos observar que os marcadores verbais se apresentam ora como elementos simples (*sabe?*), ora como compostos ou complexos (*quer dizer, no fundo*) ou ainda como oracionais (eu tenho a impressão de que), podendo ser combinados (*mas acho que*) (cf. Urbano, 2010).

Com relação ao aspecto semântico notamos que a maioria desses elementos são vazios ou esvaziados de conteúdo semântico. De acordo com Urbano (2010:100) “Trata-se de vocábulos que, embora esvaziados de conteúdo semântico original, valem aqui como estratégias para o falante testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor”. Por essa razão, são elementos interacionalmente e por extensão descartáveis.

Há ainda aqueles elementos que mantêm, em menor ou maior grau, parcela do seu sentido. Eles mantêm o sentido e a função sintática originais, assumindo por acréscimo uma função pragmática. Como exemplo, podemos citar palavras como o *assim*, que continuam mais ou menos presas a uma estrutura oracional, numa função de adjunto adverbial, ao mesmo tempo em que se ligam à enunciação, isto é, à produção do enunciado. Como preenchimento de pausa, o *assim* pode ser encarado como ruptura informacional, instaurando momentos facilitadores para a organização e planejamento do texto e dando tempo ao falante para se preparar. Nesse caso, entendemos que o *assim*, é um advérbio de enunciação e, portanto, um marcador conversacional (cf. Urbano, 2010).

No aspecto sintático, podemos dizer que os marcadores verbais lexicalizados ou não, apresentam total independência sintática. Assim, para Urbano (2010:102) “Para tanto deve-se levar em conta, inicialmente, os marcadores verbais lexicalizados ou não, cujas emissões são completas por si e autônomas entonacionalmente, caracterizando, uns e outros, a partir de certa independência sintática.” Os marcadores conversacionais apresentam uma função comunicativa ou interacional que têm a ver com as próprias funções ou usos da linguagem. Desse modo, eles ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, funcionando como articuladores não somente de unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático, como já foi dito anteriormente (cf. Urbano, 2010).

Concluimos assim, que os marcadores conversacionais são elementos linguísticos que estruturam o texto, considerado não somente uma construção verbal cognitiva, mas uma organização interacional interpessoal. Desse modo, são recursos que sinalizam um ajuste recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso (cf. Urbano, 2010).

1.5 A paráfrase e a correção

Abordaremos aqui o parafraseamento e a correção enquanto atividades linguísticas de reformulação caracterizadoras das interações faladas. Quando os interlocutores se encontram numa relação de diálogo, eles alternam os papéis de falante e ouvinte, interagindo entre si. No papel de falante, cada um busca o objetivo de levar o seu interlocutor crer no que se diz. Para isso, ele precisa alcançar seu objetivo que é a construção linguística de seu enunciado de modo que seu ouvinte reconheça a intenção comunicativa do falante, ou seja, que compreenda seu enunciado (cf. Hilgert, 2010).

Entendemos por construir linguisticamente o enunciado ou, em sentido mais amplo, o texto, como dar forma e organização linguística a um conteúdo, uma ideia, enfim uma intenção comunicativa, o que nos permite dizer que na construção linguística do enunciado desenvolvem-se atividades de formulação (cf. Hilgert, 2010). Dessa maneira, nas condições de produção do diálogo, essa intenção comunicativa não é planejada, já que há uma simultaneidade do processo de construir o texto falado e planejá-lo ao mesmo tempo, ou seja, na medida em que evolui o processo de formulação. Na realização da atividade comunicativa, a intenção não é anterior à formulação. A intenção é construída na e pela formulação (cf. Hilgert, 2010).

No dizer de Rath apud Hilgert (2010:122)

[...] o processo da construção textual com todos os seus desvios, reinícios, repetições e correções é diretamente observável. Pode-se, portanto, no âmbito da língua falada, assegurar que o texto consiste, em parte, em produzir o texto como tal [...]

É nesse sentido que se distingue do texto escrito, no qual, ao menos em grande parte, as pegadas do processo de construção estão apagadas.

Uma grande característica dos textos falados é a incidência de discontinuidades durante a sua formulação. Como o próprio termo diz, consiste numa interrupção do fluxo formulativo, atribuída, em princípio, ao fato de o falante não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva. (cf. Hilgert, 2010:123).

Segundo Hilgert (2010), muitas vezes, o falante reformula os seus enunciados a fim de lhes garantir a compreensão. Essas discontinuidades não são necessariamente falhas ou erros na formulação. Caracterizam-se também pela procura da palavra adequada, manifesta em

hesitações e outros fenômenos. Em algumas situações, a possibilidade de o ouvinte não vir a compreender algum enunciado também pode revelar-se como um problema ao falante, impelindo-o a reformulações preventivas. “Assim a análise de textos da língua falada nos mostra a distinção entre problemas prospectivos e retrospectivos”, terminologia sugerida por Koch e Oesterreicher, citados por Hilgert (2010:123). Segundo os autores “os problemas prospectivos se identificam no fato de o falante deles se dar conta antes de os formular; os outros ele só percebe quando já estão lingüisticamente inseridos na formulação do texto.” Nos problemas retrospectivos, segundo Hilgert (2010), o falante interrompe o percurso informacional de seu turno e se atém a um deles, retomando-o sob a forma de paráfrase, a fim de dar-lhe maior explicitação.

Portanto paráfrase é um enunciado que reformula um enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica. Ou seja, ela retoma o sentido de um enunciado anterior. Desse modo, na medida em que as correções e as paráfrases revelam discontinuidades, elas constituem atividades de reformulação textual que têm como principal objetivo solucionar problemas que se apresentam no momento da construção do texto falado (cf. Hilgert, 2010).

Como pudemos perceber, a paráfrase e a correção são necessariamente determinados pela ocorrência de um segmento anterior, o que já nos permite destacar dois elementos constitutivos comuns das atividades de reformulação: o enunciado de origem e o enunciado reformulador. Além desses, há outras atividades de reformulação que registram um terceiro componente: o marcador de reformulação. Este marcador anuncia a reformulação a ocorrer, por meio de uma expressão verbal, de um paralelismo sintático ou de alguma manifestação suprasegmental ou paralingüística, como pausa, hesitação, mudança de ritmo na articulação (ora pausada ou prolongada, ora mais rápida), a diminuição da altura ou do volume de voz (cf. Hilgert, 2010).

A paráfrase e a correção possuem características próprias o que de certa forma as distingue entre si. Essa distinção baseia-se na especificidade semântica entre o enunciado de origem e o enunciado reformulador. Desse modo podemos dizer que a paráfrase mantém com seu enunciado de origem uma relação de equivalência semântica, retomando do enunciado de origem um certo número de traços semânticos. Em contraposição, a correção, faz a atividade oposta, na medida em que a relação entre enunciado de origem e enunciado reformulador é de contraste semântico, já que anula, total ou parcialmente, o que foi dito anteriormente (cf. Hilgert, 2010).

Segundo Hilgert (2010), concluímos que a produção de um diálogo corresponde à realização sucessiva e alternada de atividades linguísticas. Em cada uma delas o falante é movido pelo desejo de que o seu ouvinte compreenda a sua fala e reconheça o seu objetivo. Para isso, cabe ao falante proceder a uma série de atividades textuais que assegurem a compreensão, tais como completar, corrigir, explicar, parafrasear, repetir, resumir. Essas atividades são chamadas de atividades de formulação textual, já que respondem pela formulação do texto. Podemos destacar entre elas, a paráfrase, a repetição, a correção como atividades de reformulação, pois cabe-lhes o papel específico de reformular passagens do texto com o objetivo de formular este enunciado adequadamente e, conseqüentemente, o ouvinte obter a compreensão do que foi dito. Assim, essas são chamadas de atividades de reformulação textual. Dessa forma, o parafraseamento é uma atividade de constituição textual a que o falante recorre para reformular etapas do desenvolvimento de sua própria formulação textual e/ou da formulação textual do seu interlocutor, objetivando promover e certificar a intercompreensão e a progressividade conversacionais.

No que respeita mais especificamente à correção, segundo Barros (2010), uma das características da fala é a elaboração e produção do texto no mesmo eixo temporal. Assim, as reelaborações que se fizerem na fala deixarão marcas como, por exemplo, as pistas e traços de revisões, das reformulações, das mudanças de encaminhamento, sob a forma de correções. Assim, de acordo com Marcuschi (1982: 28)

Ao escrevermos, dispomos de mais tempo que na conversação. Podemos voltar atrás corrigindo os equívocos, eliminando passagens supérfluas, refazendo o estilo e polindo o texto. O leitor só recebe a versão final. Na conversação o tempo é real e tudo que se fizer é definitivo. Nesse processo, são muito usados os recursos da correção. Corrigimos a nós mesmos ou aos parceiros, fazendo reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos. A esse processo convencionou-se chamar de mecanismo de correção; ele funciona também como processo de edição ou autoedição conversacional e contribui para organizar a conversação localmente.

Em contrapartida, no texto escrito, há dois momentos diferentes: no primeiro se elabora o texto; no segundo ele é realmente produzido. Desse modo, é possível, na escrita, reelaborar o texto sem deixar marcas, pois revemos aquilo que escrevemos, voltamos atrás, apagamos os erros, escondemos as hesitações, evitamos as repetições.

Dessa forma, a correção é um procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar seus erros. Entendemos por erro como uma escolha do falante que pode ser lexical, sintática, prosódica, de organização textual ou conversacional, já colocada no discurso e que, por razões diversas, ele e/ou seu interlocutor consideram inadequada (cf. Barros, 2010).

Podemos então definir com Gülich e Kotschi (cf. Barros, 2010: 156) “a correção como um ato de reformulação textual”. Como vimos acima, os atos de reformulação textual são aqueles que têm por objetivo levar o interlocutor a reconhecer a intenção do locutor, isto é, procurando garantir a intercompreensão na conversação ou no texto escrito. Segundo Barros (2010: 158)

a correção deve ser entendida como um procedimento de reelaboração do discurso, com o fim de torná-lo mais “correto” ou “adequado”, segundo o ponto de vista de um ou de ambos os participantes do diálogo, para dessa forma, levar o interlocutor a reconhecer a intenção do falante e garantir a intercompreensão na conversação. Em outros termos, tornar o discurso mais “correto” é um meio para assegurar a compreensão do diálogo.

Segundo Sacks, Schegloff e Jefferson, apud Barros (2010:159) há dois tipos de correção: “a reparação e a correção propriamente dita”. Entendemos por reparação como a correção de uma infração conversacional, já que os interlocutores cometem “erros” no sistema de tomada de turnos, violam as regras da conversação e essas falhas e desobediências são reparadas. Por exemplo, as regras da conversação determinam que deve haver pelo menos uma troca de falante na conversação. Com base nisso, o participante do diálogo que quer falar o tempo todo e não ceder a palavra aos demais pode sofrer reparações.

Já as correções são atos de reformulação cujo objetivo, ao consertar os erros e as inadequações, é justamente assegurar a intercompreensão do diálogo (cf. Barros, 2010). Essas correções ocorrem de dois modos, a partir de heterocorreções ou autocorreções. As heterocorreções acontecem quando o falante comete o “erro” e o seu interlocutor o corrige. Em contraposição, nas autocorreções, o próprio falante se corrige.

De acordo com Barros (2010: 164) “as heterocorreções são menos frequentes que as autocorreções.” A autocorreção parece ser a regra geral nos procedimentos de correção nas conversações.

Podemos concluir que a função geral da correção é a de assegurar a boa compreensão entre os participantes da conversação, pela reformulação de “inadequações” e “erros” de diferentes tipos ou níveis. Assim, além das funções informativas e pragmáticas, as correções apresentam objetivos interacionais, já que empregam-se as correções para a obtenção de cooperação e de participação na conversação e para o estabelecimento de relações de envolvimento emocional (cf. Barros, 2010).

1.6 O léxico e a sintaxe na língua falada

As grandes diferenças lexicais e sintáticas entre fala e escrita decorrem das especificidades de cada uma das modalidades da língua. Por isso torna-se importante procurar destacar essas diferenças e entendermos que a fala apresenta uma grande variedade de registros. As diferenças lexicais na fala originam-se a partir de alguns fatores, são eles: a região do falante, o nível sócio-cultural do mesmo, ou seja, sua escolaridade e a situação da fala (cf. Faraco, 1992).

Dessa maneira, a região do falante determina diferenças lexicais, que serão mais utilizadas na fala do que nos textos escritos. Um outro aspecto a considerar é o nível sócio-cultural do falante, já que este determina em parte as escolhas lexicais nas conversações. Por último, convém lembrarmos que o contexto, ou seja, o conjunto das circunstâncias que cercam o momento do enunciado, também determinará o léxico escolhido a ser utilizado (cf. Faraco, 1992).

De acordo com Chafe apud Botelho (2005) quanto ao nível de vocabulário os falantes e escritores não fazem a seleção de itens lexicais de um mesmo estoque, pois há expressões exclusivas de cada repertório e itens neutros. Dessa forma, os níveis se apresentam nos diferentes registros linguísticos, considerando-se a adequação dos itens escolhidos e do repertório em si.

Chafe ainda observa que o vocabulário da fala é inovador e flutuante, enquanto o vocabulário da escrita é, em geral, conservador. Sendo assim, a escolha dos falantes é rápida, enquanto a dos escritores é lenta por terem mais tempo para reproduzi-la ou revisá-la. Desse modo a escolha lexical proporciona ao usuário a exibição de um estilo próprio e o controle do grau de formalismo e coloquialismo nas produções discursivas. Assim o falante pode fazer escolhas lexicais que possam conferir à sua fala um caráter mais ou menos formal, envolvendo por parte de quem fala escolhas estilísticas e de domínio do léxico (cf. Botelho, 2005).

Quando falamos de sintaxe, logo nos lembramos da frase. Aquilo a que chamamos frase apresenta-se aos nossos ouvidos como uma emissão de voz, delimitada por pausas e acompanhada de entoação específica. Sua estrutura interna admite estruturas variadas que podem ser até mesmo simples ruídos. As frases podem apresentar ou não verbos e também podem completar-se para a compreensão do ouvinte com elementos extralinguísticos que se encontram na situação de comunicação. Como exemplo podemos citar os gestos, olhares,

expressões faciais e corporais além dos conhecimentos compartilhados pelos interlocutores. No entanto, o próprio sistema da língua oferece um tipo de estrutura frasal que independe da situação de comunicação que é a oração, ou seja, uma frase construída em torno de uma forma verbal, o que não significa dizer que esta fique imune às interferências da interlocução (cf. Moraes, 2010).

Examinemos agora duas asserções sobre sintaxe na língua falada que nem sempre são verdadeiras. A primeira consiste em que as frases são significativamente mais curtas que na língua escrita. De acordo com Marcuschi,(1991:22)

isso é empiricamente verdadeiro, mas não na forma como é dito, pois se tomarmos todas as sentenças da fala em que não ocorrem descontinuidades do tipo apontado veremos que elas são significativamente mais longas que as demais.

A segunda afirmação consiste na predominância, na língua falada, da coordenação entre as frases, dada como uma construção mais simples, mais fácil que a subordinação. No entanto, tem-se aqui a comparação de objetos de naturezas diferentes, não opostos, nem excludentes, pois uma oração que é subordinada pode ao mesmo tempo estar coordenada. Além disso, a coordenação e a subordinação ocorrem em vários níveis de construção e não somente no período: termos da oração desdobram-se por coordenação (sujeito composto, por exemplo), a oração se estrutura por relações de dependência ou subordinação entre seus componentes, e assim por diante (cf. Moraes, 2010).

Quanto à organização interna da frase, observamos que problemas de concordância também são recorrentes na fala, assim como também, as pausas, alongamentos, uso de marcadores como *digamos* ou *né* e as elipses, sobretudo as de sujeito, pelo simples fato de o sujeito ser identificado pela desinência de número e pessoa do verbo.

Concluimos, assim, que as variações lexicais são muito comuns nos textos falados e escritos, estando diretamente associadas ao perfil do destinatário, isto é, o léxico varia de acordo com o seu respectivo interlocutor. Com relação aos aspectos sintáticos, também notamos semelhanças entre os textos falados e escritos, entretanto, as condições de produção em que a língua falada se realiza não são as mesmas da língua escrita, o que acarreta na sintaxe da linguagem oral algumas marcas, tais como: “desvios, construções fracassadas, interrompidas, excesso de intromissão de elementos extra-sensoriais e assim por diante.” (cf. Moraes,2010:212).

1.7 A organização do tópico conversacional

O tópico pode ser compreendido no sentido geral como o assunto das conversações. Ele deve ser entendido como, de acordo com Brown e Yule apud Fávero (1983:73) “aquilo acerca do que se está falando”. Dessa forma, o tópico dependeria de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional (cf. Fávero, 2010). De acordo com Marcuschi (1982), a conversação é organizada por estratégias de formação e coordenação que funcionam de maneira cooperativa e não unilateralmente. Assim, na conversação o tópico é desenvolvido por pelo menos duas pessoas, no entanto, não podemos pensar que por a conversação ser um texto falado, irá apresentar papéis divididos. Desse modo, na conversação, um ato de fala deve ter alguma relação com o ato seguinte e com o anterior também, portanto, é impossível fazer a coerência recair nas produções individuais apenas. No dizer de Marcuschi (1982: 76)

Assim, a coerência conversacional não é simplesmente uma relação simétrica entre turnos consecutivos. Na conversação, ao contrário do que se dá no texto escrito, a coerência é um processo que ocorre na orientação temporal em que a reversibilidade não se verifica.

Daí a dificuldade que um falante tem de assegurar o tópico, já que não pode programar o seguimento completo (cf. Marcuschi, 1982).

A falta de coerência na oralidade apresentará, portanto, falta de interação, já que uma pessoa que fala sozinha não permite que o outro também tenha os seus turnos. Assim, segundo Marcuschi (1982:76)

a coerência é um processo global e implica interpretação mútua, local e coordenada. Serve-se de uma série enorme de recursos, tais como unidades lexicais, estereótipos, marcadores, dispositivos não-verbais, recursos supra-segmentais e muitos outros.

A organização do tópico é uma questão importante e segundo Couthhard apud Marcuschi (1982:77) é comandada pelo “princípio da parcimônia, que diz não ser conveniente falar aquilo que se supõe sabido pelo parceiro”. No entanto, podemos dizer que algumas coisas são “conversáveis” e outras não, temos algumas coisas que podem ser ditas a qualquer um e outras a poucos, algumas devem ser ditas logo e outras podem ser adiadas, e assim por diante.

Assim, as conversações iniciam-se com o tópico que motivou o encontro. É necessário dizer que só se estabelece e se mantém uma conversação se existe algo sobre o que conversar. A mudança de tópico é outro item que vale mencionar, já que em uma conversação fluente passamos de um tópico a outro com naturalidade, sendo comum que a passagem de tópico seja marcada (cf. Marcuschi, 1982).

Temos também a quebra de tópico que diferencia-se da mudança de tópico, pois esta ocorre quando o tópico chegou ao seu final, caracterizando uma terminação, enquanto que aquela ocorre quando o tópico foi interrompido, podendo retornar. “Na mudança dá-se a introdução de um novo tópico pela terminação do anterior; na quebra dá-se a introdução do novo tópico pela interrupção do anterior” (Stech apud Marcuschi, 1982: 81).

Concluimos, dessa maneira, que a conversação não se baseia exclusivamente na produção individual de cada falante, mas na produção conjunta. Entendemos, assim, a conversação como uma atividade de co-produção discursiva, mesmo quando a fonte é um indivíduo de cada vez, já que o falante não fala para si e sim para um ou mais interlocutores, não produzindo sua fala unilateralmente, pois enquanto fala, está sendo comandado pelas reações não verbais do outro (cf. Marcuschi, 1982).

Os aspectos analisados neste capítulo nos serviram para averiguar que dentre eles, alguns aparecem nos textos escritos, objeto desta dissertação, com maior relevância que outros. Cabe destacar que o léxico e a sintaxe nos textos analisados desta dissertação buscam produzir efeitos de sentido de oralidade e, portanto, procuram, assim, reproduzir as características da fala. Igualmente temos a simulação de um possível diálogo com um interlocutor tratado por você, típico das interações faladas e reproduzida nos textos que serão analisados mais adiante.

2 DISTRIBUIÇÃO ESCALAR DOS GÊNEROS: DA ORALIDADE À ESCRITURALIDADE

Nem todos os traços da manifestação sonora da língua são representáveis na manifestação escrita. Muitos são específicos da fala, isto é, do uso sonoro da linguagem. Portanto nos cabe analisar, neste capítulo, algumas características do texto conversacional que mais frequentemente são evocadas nos textos escritos e com que intensidade e variedade serão elas lembradas.

Assim, os traços da fala que aparecem representados na escrita e a quantidade de sua ocorrência variam de acordo com os gêneros textuais. Uma breve análise de alguns textos escritos como um diálogo no MSN, um e-mail informal, um e-mail formal, uma carta informal, uma carta formal, um editorial do jornal *Agora São Paulo* e um editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, nos mostrarão que há uma gradação na presença da representação da oralidade entre os diversos gêneros textuais. Portanto, há textos com uma presença mais intensa e variada de traços da oralidade e, em outros, ela pode estar totalmente ausente. Desse modo trataremos aqui desse *continuum*, dessa distribuição escalar dos gêneros, da oralidade à escrituralidade.

Com Marcuschi (1982) assumimos a hipótese de que as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação contraditória de dois pólos opostos. Na realidade, temos uma série de textos produzidos em condições naturais e espontâneas nos mais diversos domínios discursivos das duas modalidades, já que os textos se entrecruzam sob muitos aspectos e constituem por vezes domínios mistos. Tomemos como exemplo um noticiário televisivo, que é um exemplo de texto escrito que o leitor só recebe oralmente. Um outro exemplo seria uma aula expositiva que se compõe de leituras que o professor faz e de comentários que lhes acrescenta sendo desta forma, exposições originais sem um texto escrito previamente, sendo esse um gênero tipicamente oral (cf. Marcuschi, 1982).

Desse modo, há gêneros que se aproximam da oralidade pelo tipo de linguagem e pela natureza da relação entre os indivíduos. Como exemplo, podemos citar as cartas íntimas e pessoais, diferentemente das cartas comerciais ou abertas. Diante do exposto, torna-se impossível situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, pois ambas fazem

parte do mesmo sistema de língua. Dessa forma descobrimos que, se comparamos uma carta pessoal com uma narrativa oral espontânea, haverá menos diferenças do que entre a narrativa oral e um texto acadêmico escrito. Por outro lado, uma conferência universitária terá maior semelhança com textos escritos do que uma conversação espontânea (cf. Marcuschi, 1982).

Assim, de acordo com Marcuschi (1982:42)

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos.

2.1 O texto escrito e o texto oral na perspectiva de um *continuum* tipológico da produção textual

De acordo com Kock e Oesterreicher apud Hilgert (2000: 19)

Os termos fala e escrita são empregados em dois sentidos: num, denominam meios distintos de realização textual, correspondendo fala à manifestação fônica e escrita à manifestação gráfica; noutro, referem maneiras distintas de concepção de um texto. Um discurso acadêmico, por exemplo, embora seja um texto falado do ponto de vista de sua realização fônica, é, conceptualmente, um texto escrito. Já uma carta pessoal para um amigo íntimo, ainda que se realize por escrito, aproxima-se, conceptualmente, de um texto falado. A noção de concepção, nesta abordagem, é definida com base (a) nas condições de comunicação do texto e (b) nas estratégias adotadas para sua formulação.

Assim, de acordo com Hilgert (2000), um texto falado prototípico, ao contrário do texto escrito, se caracteriza, do ponto de vista das condições de comunicação, por um alto grau de intimidade, de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade entre os interlocutores e também por um acentuado grau de dependência situacional e interacional das atividades de comunicação, além de um baixo grau de centração temática. Podemos dizer que esse texto é também marcado por fatores não linguísticos, com pouco ou nenhum planejamento prévio, apresentando uma estruturação sintática “extensiva, linear e agregativa” e uma densidade informacional diluída. Desse modo, a fala e a escrita não são mais textos com conceitos contraditórios, antagônicos, mas identificam gêneros de textos configurados por um conjunto de traços que os leva a serem concebidos como textos falados ou escritos em maior ou menor grau.

Segundo os autores citados por Hilgert (2007:73) “quem determina o grau de oralidade e de escrituralidade nos textos são as situações de comunicação. Em termos gerais, situações marcadas pela proximidade determinariam a oralidade; situações caracterizadas pela distância promoveriam a escrituralidade.”

Segundo Hilgert (2007), a proximidade e distância estão diretamente relacionadas a uma série de fatores que configuram os seus interlocutores e suas relações interativas, tais como o grau de privacidade, de cumplicidade, de envolvimento emocional, de espontaneidade, de cooperação, de dialogicidade. Assim, as situações de proximidade e distância vão determinar diferentes formas e estruturas que identificam os mais variados gêneros textuais.

A prática social da oralidade envolve o uso de textos falados em diferentes contextos como as conversações cotidianas, até os mais formais, inerentes à prática social da escrita. Dessa forma o letramento abrange o uso de textos escritos também numa gradação que vai desde uma escrita formal de um texto acadêmico até uma escrita mínima que incorpora procedimentos próprios da prática social da fala. Nessa perspectiva, as diferenças entre fala e escrita se concebem num *continuum* tipológico de gêneros de textos, determinado pela correlação entre as modalidades.

Alguns gêneros textuais fazem parte deste continuum, variando desde uma conversa na internet até o editorial de um jornal. Assim, uma conversação na internet, embora seja um texto escrito, apresentará características do discurso oral. Podemos dizer que, se compararmos as conversações na internet com as conversações que ocorrem na oralidade informal, não haverá muitas diferenças. O texto na internet é um texto escrito, com características próprias das interações faladas. Percebemos isso a partir das escolhas lexicais, do estilo, do grau de formalidade (praticamente inexistente). Por outro lado, segundo Marcuschi (2001:42) “a fala varia e a escrita varia”, dessa forma um editorial de jornal, que é um texto escrito apresentará um alto grau de formalidade, entretanto uma carta informal, que também pertence ao gênero escrito, apresentará traços de oralidade no seu texto, ou seja, uma linguagem mais informal. Entendemos dessa maneira que o *continuum* aqui apresentado corresponde aos textos selecionados com características cujas variações de estruturas textuais, léxico, estilo, grau de formalidade ou informalidade aparecerão de acordo com o gênero selecionado, aproximando-o ora dos textos tipicamente orais, ora dos textos escritos. Para isso podemos exemplificar com alguns gêneros textuais escritos, como as conversações na internet, os e-mails, a cartas e por fim os editoriais de jornais. Todos pertencem ao gênero escrito, no entanto há níveis de oralidade que se fazem mais presentes em uns em relação aos demais.

Mostramos até aqui que há textos muito marcados por traços de oralidade e outros menos. A presença ou a ausência da oralidade tem a ver diretamente com as condições de produção dos textos, ou seja, tem a ver com as práticas sociais em que os textos são produzidos.

A seguir analisaremos alguns textos desse *continuum* para revelar que aspectos das interações faladas são particularmente contemplados em textos escritos para atribuir-lhes efeitos de oralidade.

2.2 A conversa no MSN

A conversação na internet, mais especificamente, o bate-papo ou chat, está diretamente vinculado ao nosso tema que é a construção do texto falado por escrito. Assim, neste tipo de interação os interlocutores estão em contato por um canal eletrônico que é o computador. Esses interlocutores sentem-se falando, no entanto, devido às especificidades do meio que os põe em contato, são obrigados a escrever suas mensagens, construindo um texto “falado” por escrito (cf. Hilgert, 2000).

Nesse tipo de texto procuraremos abordar as estratégias de comunicação face a face presentes na construção do texto de conversação na Internet, buscando analisar as condições de produção com características próprias a esse tipo de interação, ou seja, não iremos contrapor fala e escrita, mas sim colocaremos em relação dois tipos de textos conversacionais, cujas diferenças contribuem para esse modo de realização. Na comunicação por computador, os recursos mais comuns entre os usuários são os e-mails e as mensagens *on line* (conversações). Os primeiros em geral são textos mais ou menos extensivos enviados ao endereço eletrônico do destinatário, ficando arquivados num servidor para serem posteriormente lidos, quando forem acessados no seu provedor por seus destinatários. Já as mensagens *on line*, segundo Murray, citado por Hilgert (2000:22) “são enunciados predominantemente linguísticos, enviados ao destinatário que naquele momento preciso está ligado ao computador para receber essas mensagens e se quiser, respondê-las”.

A esse tipo de interação chamamos também de comunicação em tempo real, pois cada mensagem é elaborada pelo destinatário e enviada somente depois de ele acionar o comando enviar. As mensagens não são arquivadas, perdendo-se com a interrupção da interação, se não forem salvas. Assim, quando destinador e destinatário forem alternando mensagens,

respondendo um ao outro, instaura-se o que denominamos conversação na internet (cf. Hilgert, 2000).

Segue agora uma análise de uma conversação em sala de bate papo na Internet².

(17:50:57) Letícia/14fala para Lake O Fire:c tem ,é?

(17:51:19) G@t@!!! grita com M@rcinho: Vc esta comigo ou com “ESSA”...G@t@ manhosa????????

(17:51:28) G@t@ manhosa grita com M@rcinho:DE SAMPÁ,E VC DEVE SER O MAIOR GATINHO,TÔ TE ADORANDO, ADORO IR AOS BARZINHOS!!!!!!!!!!!!!!

(17:51:37) Letícia/14: Ninguém pode ir até a sala 1.....larguem mão de serem egoístas.....

(17:51:50) G@t@ manhosa grita com RENATO/19/SP: VC TEM !(ANOS??

(17:51:56) Sedutor grita com M@rcinho:prefira a gatinha manhosa 'já que o namorado dela é meio assim

(17:51:59) Letícia/14/fala para Lake O Fire: c é fanzão, hein????????

(17:52:03) Graziela reservadamente fala para TODOS: A LGUÉM QUER TC?

(17:52:31) TK fala para Mari: TO AFIN DE TE CONHECER

(17:52:37) Letícia/14/fala para Lake O Fire: eu acho q foi a tonta da Courtney q matou ele!

(17:53:34) G@t@ manhosa grita com G@t@!!!: NATHÁLIA, EU VI AQUELE GATO, FOI MA-RA-VI-LHO-SO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

(17:53:35) Lobo+ solitário grita com TODOS: E aí, tem alguma gatinha afim de tc???

(17:54:16) Sedutor grita com G@t@!!!: bem e aí o que vc me diz de ter um mágico ao seu lado beijando seus lábios úmido.Que tal?

(17:55:18) Xande MTX grita com TODOS: BOA TARDE GALERA!!!!

O texto conversacional na internet acontece por escrito, por força das características do meio eletrônico usado, no entanto, os interlocutores sentem-se numa interação falada. Essas manifestações da linguagem oral no texto escrito permitem que localizemos esse tipo de texto no *continuum* acima. Podemos dizer que esse tipo de texto aproxima-se dos textos das conversações telefônicas e das cartas pessoais e dos bilhetes (cf. Hilgert,2000).

Cabe ressaltar, entretanto, que os bilhetes ou cartas não acontecem em tempo real, ou seja, eles são escritos e destinados a alguém, que os lerá posteriormente e responderá quando deseje. No caso das conversações na internet, elas ocorrem em tempo real e cada intervenção por escrito é um turno, cujo sentido depende inteiramente da relação com turnos anteriores e subsequentes, transformando-se num texto somente na inter-relação de vários turnos.

Também é preciso considerar que as cartas e bilhetes são, a princípio, direcionados somente a interlocutores conhecidos ou ao menos identificados, o que não acontece numa sala

²Fonte: FARACO, C. Alberto e TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto para estudantes universitários*. 10 ed . Petrópolis: Vozes, 2002.

de conversação, onde ocorre uma interação pública entre pessoas desconhecidas, escondidas quase sempre atrás de apelidos, como é o caso do texto acima (cf. Hilgert, 2000).

Dessa forma, podemos observar no texto acima que as condições de produção próprias das conversações na internet, diferem das cartas ou bilhetes, já que há uma alternância de turnos em tempo real, ou seja, um interlocutor está escrevendo, pressionado por ter de responder a uma mensagem enviada por outro ou por este estar esperando uma mensagem na outra ponta da linha. Este fato imprime às intervenções escritas de cada interlocutor as marcas dialogais próprias das conversações na internet. Assim, apesar de escrita, a conversação na internet é concebida como fala, por ser dialogal, isto é, baseia-se na alternância de turnos e por essa razão recebe o nome de conversação, bate-papo, chat, não confundindo-se com um texto falado típico, por não apresentar realização fônica (cf. Hilgert, 2000). Cabe destacar ainda que o texto acima é marcado por escolhas lexicais do repertório informal da língua, apresentando também, como marca da oralidade, uma estrutura morfossintática não afinada com a norma própria dos textos escritos.

No que respeita à alternância de turnos no texto escolhido para esta análise comparemos as suas características com base na observação de Sacks, Schegloff e Jefferson, citados por Hilgert (2000: 29) sobre a conversação face a face “Na conversação face a face os interlocutores se alternam com frequência”.

Na conversação na internet essa alternância ocorre com maior frequência ainda. Isso se deve a uma série de fatores, começando com a dimensão dos turnos. São estes, predominantemente muito curtos, sendo raros os que vão além de meia ou, no máximo, de uma linha no monitor. Além disso, são constituídos, predominantemente, por pares adjacentes.

De acordo com Meise-Kuhn, citada por Hilgert (2000:29) “par adjacente é uma sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação”. Seguem na sua constituição pergunta-resposta e cumprimento-cumprimento, os quais, por natureza tendem à objetividade, não favorecendo divagações que poderiam se estender em turnos mais longos, o que levaria, então, à redução do grau da dialogicidade. Também o próprio contexto de produção não estimula um interlocutor a estender-se em considerações mais longas, por não saber quem é o ouvinte, por não tê-lo diante de si fisicamente nem mesmo pela voz (caso da interação telefônica) e, em consequência, por este não lhe dar nenhum retorno linguístico (*certo, concordo, sei, isso aí, de fato*), paralinguístico (*mhm, ahã*) ou extralinguístico (gestos, mímicas, sorrisos) quanto ao interesse que suas considerações

estão despertando. Esses aspectos estão diretamente ligados ao fato de, na Internet, a conversação se dar por escrito.

Sabemos que num contexto face a face, um ou outro dos interactantes, num grupo maior de conversação, se vê estimulado a manter o turno por mais tempo, na medida em que variados sinais de feedback demonstram interesse e atenção dos ouvintes pela fala em andamento, rareando, dessa forma, a intensidade das alternâncias de turno. Uma outra distinção entre as conversações face a face em relação às conversações na internet é que nas primeiras pode haver uma relação assimétrica entre os interlocutores, pois, muitas vezes numa roda de conversação, há alguém que se manifesta mais entendido sobre o assunto em pauta impondo assim, uma certa autoridade sobre os demais, que quase inconscientemente, lhe outorgam mais tempo na fala; também do ponto de vista das relações de poder “os que estão numa posição inferior têm menos turnos e ficam mais silenciosos” (Murray, apud Hilgert (2000: 30). Já nas conversações na internet, essas relações de poder inexistem, não havendo, portanto, razões para uns falarem mais do que outros, o que imprime um caráter simétrico a esta conversação (cf. Hilgert,2000).

Desse modo, segundo Hilgert (2000), nas conversações face a face predomina a prática de só um dos falantes fazer uso da palavra por vez. Nas conversações na internet, do tipo que analisamos, falar um por vez é uma norma compulsória, por determinação do meio eletrônico em uso. Os interlocutores nem sequer acompanham, nos seus respectivos monitores, a gradativa formulação dos enunciados de seu parceiro de comunicação. O “falante” só concederá ao “ouvinte” o seu enunciado, quando, concluída a formulação, ele acionar o comando “enviar”. Nesse momento o enunciado aparecerá no monitor do “ouvinte”, que saberá então que está concluído o turno de seu interlocutor e que caberá agora a ele assumir a função de “falante”. E assim, alternadamente. Assim, nas conversações face a face “são comuns os momentos em que ocorre sobreposição de falas, mas são breves”. Nas conversações na internet, em decorrência do que expusemos acima, essa sobreposição inexistente.

Resumindo nossas considerações a respeito da organização da alternância de turnos na conversação na internet temos, segundo Hilgert (2000: 34)

Cabe enfatizar que a transição de turnos é nela (na conversação na internet) necessariamente marcada pelo meio (cf.Murray,1989). O fato de os “falantes” não estarem numa situação face a face, de não saberem quem são seus interlocutores e de terem de traduzir seus enunciados por escrito, ainda que conceptualmente se sintam falando, imprime à transição de turnos um caráter maquinal, previsível, planejado, no sentido de que essa conversação transcorre de acordo com os limites e as possibilidades da programação de um sistema eletrônico. Mas maquinal aqui

também se opõe a humano, na medida em que a transição de turnos, na conversação face a face, mais do que uma simples alternância de enunciados linguísticos, envolve identidades e histórias humanas que geram, em situação face a face, sentidos imprevistos, manifestados por signos não só linguísticos, fatores todos responsáveis por uma organização conversacional mais complexa.

No que respeita a formulação dos enunciados no texto conversacional da Internet, de acordo com Hilgert (2000), os interlocutores não acompanham, passo a passo, a mútua construção do enunciado, como acontece nas conversações face a face. Assim, o ouvinte só vai ter acesso ao turno do falante, quando o texto que o traduz aparecer concluído no monitor. Por essa razão, o caráter interativo da formulação na conversação na internet vai ser afetado, pois não vão aparecer manifestações de colaboração do ouvinte” na construção dos enunciados do falante, nem no trabalho de denominação e seleção sintática, nem nas iniciativas de solidariedade sintática, em que um interlocutor ajuda os outros a encontrar alternativas de formulação. Desse modo, o falante fica também privado de uma série de outras manifestações de natureza não linguística do ouvinte que na conversação face a face, são decisivas nos rumos da formulação.

Por esse motivo, ficamos sem saber se o enunciado de um falante que aparece no monitor foi formulado corretamente, sem um único problema de formulação, ou se houve problemas que o levaram, por exemplo, a demorar na seleção lexical, a apagar, corrigir, reescrever e reordenar certos segmentos. Temos para isso duas hipóteses que são: ou o texto em evidência é fruto de um primeiro e único impulso de formulação, decorrente de um processo, sem problemas, ou o texto já é um produto que não apresenta vestígios das atividades de verbalização de tratamento ou até qualificação, solucionadora dos “problemas”. Com base nesses dados expostos, não podemos confirmar nenhuma das hipóteses, no entanto, há elementos que autorizam algumas delas. (cf.Hilgert,2000). A maioria dos turnos não ocupa mais de meia linha do texto. São falas em pares adjacentes como pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, ou apresentações pessoais, tentativas de contato, breves comentários, manifestações de espanto, esclarecimentos. Estruturas com essas características são provavelmente construídas num único impulso formulativo, sem ter havido reformulações em sua construção.

Cabem ainda algumas considerações sobre o léxico e a estrutura sintática dos enunciados nas conversações na internet. Devido aos pares adjacentes pergunta-resposta e cumprimento-cumprimento, há o predomínio das expressões interjectivas ou nominais (exemplos). Quando os períodos se estruturam em torno de um único verbo, em geral ficam nos limites de uma única oração, com a presença de orações coordenadas ao invés de orações

subordinadas. Desse modo, a sintaxe dos enunciados nas conversações na internet também se caracteriza pelas características acima, o que descaracteriza esse tipo de texto como um texto escrito aproximando-se muito mais das conversações informais.

No que se refere ao léxico, há alguns aspectos que se destacam de forma muito nítida que são a forte incidência de palavras e expressões típicas da fala, palavras e expressões que vão do registro coloquial da fala às gírias e às formas abreviadas. De acordo com o exposto acima, fica claro a presença da informalidade na linguagem das conversações na internet. O léxico, fortemente marcado pelas abreviaturas também é uma marca evidente desse tipo de texto, já que não consistem numa parte da palavra, mas num conjunto de letras em que o falante da língua reconhece a palavra em questão, por fazerem essas letras parte de sua constituição gráfica. Em síntese, o que marca a construção das conversações na internet é a interatividade, mas como a interação não acontece em situação face a face, os interlocutores veem-se compelidos a escrever, investindo toda a sua criatividade para atribuir a essa manifestação escrita as marcas das interações faladas (cf. Hilgert,2000).

2.3 Análise de um e-mail informal

Segue modelo de e-mail informal:

Olá Rose
Feliz Aniversário, novamente!
Segue de “presente” a prova do 6º ano!
Hehehehehehehehe
Na dúvida estou enviando para o Ricardo imprimir.
Gde Bj
Fanny! ³

O e-mail acima é um exemplo típico de linguagem informal mais próxima do registro oral. Convém atentarmos para o grau de intimidade entre destinador e destinatário, marcas caracterizadoras da proximidade e da subjetividade que evidenciam a oralidade. A mensagem apresenta linguagem direta para com o seu destinatário, com abreviaturas de palavras, muito recorrentes nesse tipo de texto, no entanto facilmente identificadas, pois as letras fazem parte da palavra em questão.

³ Fonte: Arquivo Pessoal

Convém destacar uma característica típica da oralidade que é a risada, registrada aqui graficamente pelo hehehehehe, que na linguagem escrita designariam um enunciado engraçado, também aproximando-se do texto oral.

2.4 Análise de um e-mail formal

Segue modelo de e-mail:

(localidade), dia de (mês) de (ano).
Para (destinatário/empresa)
Atenção a (pessoa ou departamento)
Assunto (tema da comunicação)
Prezados Senhores,

Somos uma empresa de representações em vendas e temos em nosso quadro funcional apenas vendedores altamente capacitados e profissionalizados. Anexamos nesta oportunidade nosso portfolio para análise e manifestamos nossa intenção de representar sua empresa em municípios da região. Caso haja interesse por parte de sua empresa, nos colocamos à disposição para novos contatos.
Agradecemos a atenção.
Atenciosamente.

Sua Empresa
Seu Nome-Seu Cargo⁴

O e-mail é uma forma de comunicação eficiente e veloz. Entretanto, assim como em uma carta, a formalidade não deve ser dispensada em determinadas oportunidades, como é o caso de comunicações comerciais, dentre outras. Normalmente, o e-mail é um texto marcado pela oralidade, não no grau evidenciado das conversações na internet, mas geralmente apresenta-se mais próximo do texto oral. Entretanto, não podemos nos esquecer que a linguagem muda de acordo com o contexto, dependendo muito do perfil de seu destinatário. Se estamos nos comunicando por e-mail em uma situação de formalidade, a linguagem também deverá apresentar essa característica, ocorrendo o mesmo que ocorre com as cartas, que serão analisadas mais adiante, podendo ser mais próximas da formalidade ou não. Podemos notar, assim como nas cartas formais, ausência de gírias, repetições, expressões orais ou vulgares, típicas do registro oral, não apresentando tampouco aproximação com o seu destinatário. Há obediência à norma culta da linguagem, apresentando, neste caso, uma linguagem formal, respeitando dessa forma a morfologia e a sintaxe das palavras.

⁴ Fonte: http://www.tudobox/460/modelo_de_email_formal.html

Este texto é um exemplo de objetividade, não havendo marcas de informalidade como no registro oral, portanto podemos dizer que as marcas de oralidade que variam de intensidade e profundidade de acordo com o gênero textual, aqui neste tipo de texto, estão praticamente ausentes.

2.5 Análise de uma carta informal

Segue abaixo modelo de uma carta informal de amizade:

São Paulo, 19 de julho de 1994.
João, sabe eu sou feliz! Sou muito feliz porque tenho com quem celebrar esta data tão especial...Sou feliz porque tenho alguém especial e maravilhoso como você para compartilhar as minhas angústias, preocupações e além e principalmente, as minhas maiores alegrias!
Beijo e abraço carinhoso da Maria⁵

Aqui, como continuação de nossa análise, temos um modelo de carta informal, uma carta que trata do tema amizade. Assim, escrevemos uma carta pessoal quando queremos nos comunicar com alguém próximo a nós, como amigos ou familiares. A partir desses dados, encontramos marcas de subjetividade, pois nesse gênero textual de linguagem informal, temos uma maior aproximação do autor da carta para com o destinatário, características típicas da oralidade. As marcas de oralidade aqui presentes se manifestam a partir do assunto, cujo tema é livre, de ordem íntima, sentimental e o tipo de linguagem que o acompanha demonstra um grau de intimidade entre o autor da carta e o seu destinatário.

Notamos a presença de repetições e um diálogo com o locutor que visa a aproximação com o seu destinatário por meio de expressões reveladoras de intimidade entre ambas as partes. No entanto, não nos deparamos com alterações morfossintáticas, as estruturas das palavras permanecem inalteradas, respeitando a língua padrão escrita. Todas essas características de intimidade nos revelam um certo grau de oralidade pela aproximação entre as partes envolvidas através de uma linguagem informal e mais próxima do registro oral do que o gênero carta formal.

⁵ Fonte: <http://www.slideshare.net/guest4f8ac9b/gnero-textual-carta>

2.6 Análise de uma carta formal

Segue abaixo modelo de uma carta formal:

(localidade) (dia) de (mês) de (ano).

Para (destinatário/empresa)

Atenção a (pessoa ou departamento)

Assunto (tema da comunicação)

Prezados senhores:

Com referência à sua reclamação, na carta do dia 15 do mês em curso, levamos ao conhecimento de Vsas, os necessários esclarecimentos.

O atraso na entrega da mercadoria solicitada ocorreu não por falha de nossos funcionários, mas por incúria da empresa entregadora.

Estamos tomando as devidas providências necessárias a fim de que as mercadorias sejam entregues rapidamente.

Escusamo-nos pelo ocorrido e continuamos a disposição de V.Sas.

Benevenuto Cascadura⁶

Para compor o quadro de nossa análise dos diversos graus de oralidade encontrados nos diferentes gêneros textuais, selecionamos um modelo de carta formal que se restringe a determinada área: empresarial e/ou comercial, razão pela qual apresenta características próprias.

Assim, notamos uma linguagem simples, não há traços literários, bastante atual, ou seja, inteligível à época presente, precisa, objetiva, correta e com exata observância das normas gramaticais. Além disso é concisa e impessoal, pois informa com uma certa economia de palavras e é muito objetiva também, pois a carta comercial não é um gênero textual adequado para as manifestações subjetivas.

Não há marcas de gírias, expressões orais ou chulas, típicas do registro oral informal, assim como tampouco apresenta efeitos de aproximação com o seu destinatário, isto é, não há o estabelecimento de um diálogo informal. Como esta carta é um modelo de linguagem formal, podemos dizer que a morfologia e a sintaxe das palavras permanece inalterada, já que como obedece à norma culta, procura manter esse registro em toda a sua extensão. Por essa

⁶ Fonte: ANDRADE, M. Margarida e HENRIQUES, Antonio. *Língua Portuguesa: Noções Básicas para Cursos Superiores*. São Paulo: Atlas, 2008.

razão, as repetições, típicas da oralidade, assim como a escrita representando as marcas do discurso oral, tampouco se fazem presentes nesse gênero textual.

Concluimos, desse modo, que um modelo de carta formal não apresenta traços orais em seu registro. Aqui, nesse gênero textual, não há marcas de oralidade, pois elas não se manifestam com a intensidade e profundidade em que aparecem em outros gêneros textuais. Podemos dizer que os traços de oralidade no modelo carta formal são praticamente inexistentes.

2.7 Análise de um editorial do jornal *Agora São Paulo*

Segue abaixo modelo de editorial do jornal *Agora São Paulo*:

17/05/2011

São Paulo esburacada

Andar de carro, moto ou ônibus pelas ruas de São Paulo é uma verdadeira corrida de obstáculos.

Quando os engarrafamentos dão um respiro, não faltam os buracos para atrapalhar. Os motoristas e os passageiros saem do passo de tartaruga para entrar na marcha do cabrito, de tanto que os veículos pulam.

O serviço da prefeitura para tentar diminuir o problema dos buracos têm vários furos, como o *Agora* mostrou ontem.

O prazo prometido pela prefeitura para tapar buracos é de oito dias depois do pedido. Mas, de 26 crateras apontadas pelo jornal, 18 não haviam sido resolvidas nesse intervalo. No espaço de um mês, ainda restavam seis buracos abertos.

Pior ainda é o desperdício de tempo e dinheiro. Mesmo quando a equipe da prefeitura foi ao local, outros buracos bem próximos foram deixados como estavam, atrapalhando os motoristas, torturando quem anda de ônibus e estragando os carros. Deviam resolver tudo de uma tacada só. O problema dos buracos é um dos aspectos mais visíveis do descaso com a cidade, que parece abandonada em muitas áreas.

Dia sim, outro também, o prefeito Gilberto Kassab aparece para falar de seu novo partido. A impressão que fica é que a política toma muito mais do seu tempo do que a tarefa de cuidar da cidade, para a qual foi eleito com os votos de milhões de paulistanos.

Se continuar nessa toada, sua próxima candidatura vai acabar bem parecida com uma volta sobre rodas pelas ruas de São Paulo: sujeita a solavancos, com grandes chances de cair num buraco.⁷

De acordo com as características de um editorial de jornal, no que respeita à linguagem, temos um texto que apresenta a linguagem padrão, portanto que respeita a norma culta, entretanto há marcas que evidenciam os traços de oralidade no texto. Nos deparamos com expressões típicas da linguagem informal e oral como: “*Quando os engarrafamentos dão*

⁷ Fonte: <http://www.agora.uol.com.br/editorial/ult10112u916695.shtml>

um respiro”, “*os motoristas e os passageiros saem do passo de tartaruga, para entrar na marcha do cabrito*”, “*o prazo prometido pela prefeitura para tapar buracos*” entre outras. Essas orações nos revelam a forte presença da informalidade e por essa razão, da proximidade entre destinador e destinatário. Embora os editoriais de jornais sejam textos que exprimem a opinião do órgão jornalístico, a partir de certos traços de impessoalidade, com o uso de uma linguagem que respeita a norma culta, evitando aproximações com o leitor, não é o que encontramos no exemplo acima. Temos aqui marcas de oralidade presentes no texto reveladoras dos efeitos de proximidade das interações faladas, já que trata-se de um jornal mais popular, cujo perfil sócio-cultural de seu destinatário determina uma linguagem mais informal e próxima das conversações.

2.8 Análise de um editorial do jornal *F. de São Paulo*

Segue abaixo modelo de editorial do jornal *F. de São Paulo*:

“NÃO VER, NÃO OUVIR, NÃO LER 28/03/1998

A liberdade de informar e o direito de ter livre acesso a ideias vêm sendo frequentemente colocados em xeque pelo legislador brasileiro. Projetos de lei apresentados ou esboçados nos últimos meses sugerem uma difusão do conceito de que cercear a livre expressão é um meio adequado de resolver problemas da já tão precária esfera pública no país.

Tais projetos ou estudos têm procurado conceder ao Estado a autoridade para decidir o que o cidadão pode ver, ler ou ouvir, em legislações que dizem respeito a temas tão diversos como a programação da TV, eleições, Código Penal, vítimas e testemunhas de crimes e lei de imprensa. Essa vocação autoritária não se manifesta apenas por intermédio da pena de advogados e parlamentares, mas é também uma tentação da própria sociedade. Muitas vezes é uma parte significativa da população que parece consentir em entregar superpoderes ao Estado.

Mas é majoritariamente pelos meios de comunicação que a sociedade toma conhecimento de seus problemas e do debate acerca das soluções com todos os seus erros, distorções e mesmo manipulações. Mas admitir que haja tutela, que o Estado seja o senhor da razão no que diz respeito a tais falhas ou que tenha a capacidade de evitá-las é se eximir de responsabilidades que a democracia exige: ser consciente das questões da vida pública-o que a censura prejudica-e saber lidar com conflitos por meio do diálogo.

É decerto imprescindível que um Estado democrático ofereça meios de defesa contra abusos. O cidadão tem o direito de reparação em casos de injúria, calúnia ou difamação, e também o de ver punidos os responsáveis por tais crimes. Mas não é o policiamento prévio de ideias e de informações que vai garantir essa justiça, com o agravante de restringir ou castrar uma série ampla de direitos fundamentais para o exercício da cidadania entre eles, o saber.

Lamentavelmente, não parece ser essa a convicção de alguns legisladores.⁸

⁸ Fonte: ANDRADE, M. Margarida e HENRIQUES, Antonio. *Língua Portuguesa: Noções Básicas para Cursos Superiores*. São Paulo: Atlas, 2008.

Este editorial do jornal *F.de São Paulo* apresenta um texto objetivo, que apresenta uma linguagem direta e formal, respeitando a norma culta. Os termos aqui utilizados fazem parte do repertório culto da linguagem, imprimindo ao texto um caráter altamente formal. Pelo uso da formalidade no nível um pouco mais elevado em relação ao editorial do jornal *Agora São Paulo*, podemos inferir que o destinatário desse tipo de texto apresente um perfil sócio-cultural mais elevado. As escolhas lexicais, bem como as estruturas morfossintáticas permanecem inalteradas de acordo com a norma padrão da linguagem, não revelando caráter de proximidade com o leitor. Portanto podemos dizer que os traços de oralidade são praticamente inexistentes neste tipo de texto.

Concluimos que oralidade e escrita não são dois sistemas linguísticos distintos. Trata-se de um único e mesmo sistema que se realiza com características particulares determinadas pelas diferentes situações de interação. Em síntese, oralidade e escrita são modos de uso da língua em diferentes atividades comunicativas. Para Marcuschi (2001:37), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos”. Dessa forma procuramos mostrar nesta breve análise, em alguns dos gêneros textuais analisados, diferentes formas da oralidade na escrita, variando essas formas desde uma proximidade muito grande com a fala real até o total distanciamento com a oralidade, ou seja, até textos com poucas marcas de oralidade.

3 FUNDAMENTOS DA TEORIA DA ENUNCIACÃO

Partimos do princípio de que toda manifestação discursiva se realiza pela enunciação. A enunciação é o próprio ato da produção do texto, escrito ou falado. Trataremos aqui da explicação, à luz dos fundamentos teóricos da enunciação, dos recursos utilizados para imprimir efeitos de oralidade em textos escritos. Os fundamentos da enunciação evidenciarão quais categorias e estratégias enunciativas conferem oralidade ao texto escrito. Desse modo, as relações entre enunciador-enunciatário, enunciador-enunciado (texto) e enunciatário-enunciado (texto) são responsáveis por estratégias enunciativas que nos mostrarão que a oralidade (em sentido conceptual) é a linguagem da proximidade e a escrita (também em seu sentido conceptual) é a linguagem da distância.

Consideramos a enunciação como o ato de um sujeito-destinador interagir, em um contexto de comunicação, com um sujeito-destinatário. Essa relação resulta de uma interação em que cabe ao destinador um fazer persuasivo e ao destinatário um fazer interpretativo. Como produto do ato da enunciação temos o enunciado (cf. Hilgert, 2007). Dessa forma, o enunciado é produzido por um enunciador para um enunciatário, o que não significa dizer que o enunciatário seja um mero receptor passivo do enunciado. Assim sendo, enunciador e enunciatário constituem ambos o sujeito da enunciação, assumindo o enunciatário a natureza de co-enunciador, já que, para Fiorin (2003:163) “o enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige”.

Para entendermos o processo da enunciação, temos de observar três aspectos fundamentais.

Em primeiro lugar, é preciso considerar que todo o ato de enunciação é ação de um *eu*, que enuncia no tempo *agora* e no espaço *aqui*, para interagir com um *tu*. O eu só existe na relação com um tu. Este é instituído pelo eu. A enunciação só é possível nessa relação eu/tu. Para Fiorin (1996:41), “O eu existe por oposição ao tu e é a condição do diálogo que é constitutiva da pessoa porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis eu/tu”. O eu enuncia necessariamente em determinado espaço e em determinado tempo, a saber, o aqui e o agora.

Em segundo lugar, existem três instâncias da enunciação: a primeira é o ato de enunciar em si, que é a ação do eu produzindo o enunciado por força da interação com o tu.

Na análise de um texto, ou seja, de um enunciado, que é o produto da enunciação, essa primeira instância é pressuposta. Isso quer dizer que, quando se analisa um texto, a enunciação já aconteceu. Um texto só existe como produto da enunciação. Nele aparecem marcas das estratégias enunciativas usadas pelo enunciador. É somente por meio dessas marcas que é possível estudar a enunciação e perceber os efeitos de sentido que produziram no texto as escolhas do enunciador no ato da enunciação. A segunda instância da enunciação é constituída pelo fato de enunciador constituir no texto (no produto da enunciação) o narrador como seu porta-voz ou seu representante. Portanto, aquele que fala no texto não é mais enunciador. Este, como já dissemos, é pressuposto. Aquele que fala no texto é o *narrador* a quem o enunciador delegou a voz. O narrador tem o seu interlocutor constituído pelo narratário. Num texto de jornal, por exemplo, o narrador (porta-voz do enunciador no texto) relata o fato para o narratário (representante do enunciatário mencionado no texto ou não), que é o leitor. Em geral, no texto, o narratário fica implícito, mas ele pode ser explicitado, isto é, nomeado. Por fim, como terceira instância da enunciação, o narrador pode, no texto, delegar a voz a um personagem, dando-lhe a oportunidade de se manifestar em discurso direto. Este personagem é denominado, então, de interlocutor que tem como seu tu o interlocutário. Podemos, então, resumir este segundo aspecto, dizendo que as três instâncias da enunciação são: a relação entre enunciador – enunciatário (relação pressuposta); a relação entre narrador – narratário; e a relação interlocutor – interlocutário (Cf. Fiorin, 1996 e Hilgert, 2007).

Em terceiro lugar é preciso considerar que, quando o enunciador enuncia, ele pode se valer de duas estratégias básicas: a primeira consiste em ele projetar no produto da enunciação as marcas do eu que enuncia aqui e agora. Se ele proceder dessa forma, ele cria a ilusão de que a enunciação acontece no texto. Isso não acontece de fato, pois já vimos que o ato da enunciação é sempre anterior ao texto. Por isso o ato de produzir um texto em que o narrador se expressa em primeira pessoa e em que a ação acontece no tempo agora e no espaço aqui produz a ilusão de que a enunciação acontece na leitura do texto. E se esse eu ainda se dirigir explicitamente a um tu, o texto produz um efeito de diálogo do narrador com o leitor. Como veremos, é essa uma estratégia para produzir efeitos de oralidade e, por isso, de proximidade, cumplicidade e informalidade nos textos.

A segunda estratégia consiste em o enunciador não colocar no enunciado as marcas da enunciação, isto é, do eu, aqui e agora. Neste caso, em outras palavras, ele apaga as marcas da enunciação. Isso acontece quando o narrador do texto se apresenta em terceira pessoa. O leitor tem, então, a impressão de que ninguém fala no texto. Parece que o texto fala por si só. Esse

procedimento produz um efeito distanciamento do enunciador em relação ao leitor e, também, em relação ao tema de que trata o texto. É esse um recurso comum usado pelos jornais. Para produzir um efeito de verdade e de credibilidade, o enunciador apaga o eu, isto é, a opinião pessoal, põe o narrador a falar em 3ª. pessoa, parecendo ele ser um simples observador dos fatos.

Resumindo essas considerações, pode-se então dizer que, em linhas gerais, existem dois grandes tipos de textos: aqueles em que o narrador aparece em 1ª. pessoa, aos quais se dá o nome de textos *enunciativos*; e aqueles em o narrador aparece em 3ª. pessoa, que levam o nome de textos *enuncivos*. Veremos adiante que os textos escritos marcados pela oralidade apresentam as características dos textos enunciativos.

Destacamos ainda que, no estudo da enunciação, a operação de o enunciador projetar suas estratégias enunciativas no enunciado, isto é, no texto, leva o nome de *debreagem*. De acordo com Hilgert (2007), a *debreagem* se traduz na operação de projetar no enunciado as marcas de pessoa, espaço e tempo, que são as três grandes categorias da enunciação. Ocorrem, assim, três tipos de *debreagem*: a actancial (de pessoa), a espacial (de espaço) e a temporal (de tempo). A *debreagem* pode ser enunciativa e enunciva. A *debreagem* enunciativa “é aquela em que se instalam no enunciado o eu/tu da enunciação, o espaço aqui da enunciação, e o tempo agora da enunciação” (cf. Fiorin, 1996:44). Esse tipo de *debreagem* cria efeitos de subjetividade e proximidade. Em relação ao tempo e espaço, a *debreagem* enunciativa vai produzir no texto o efeito de sentido da presentificação, como se a enunciação ocorresse, por exemplo, no aqui e agora do ato da leitura do texto, o que, claro, é uma ilusão, pois o texto objeto de leitura pressupõe a enunciação anterior. Consideramos os textos caracterizados pela oralidade como textos enunciativos, tais como: conversas informais, chats, e e-mails na internet, cartas particulares, autobiografias e também, como veremos, os textos de divulgação científica para crianças.

A *debreagem* será enunciva, quando o enunciador não projeta no enunciado os traços da enunciação, como vemos nos discursos em terceira pessoa nos quais, embora sejam produtos da enunciação de um eu, aqui e agora, estas marcas enunciativas vêm apagadas. Os textos marcados pela *debreagem* enunciva produzem efeitos de sentido de objetividade e de distanciamento, caracterizando-se pela enuncividade os textos escritos, como trabalhos acadêmicos, reportagens jornalísticas, discursos jurídicos. Os textos enuncivos são considerados objetivos, de informação precisa, e, muitas vezes, livres de opiniões pessoais (cf. Hilgert, 2007). Contudo Fiorin (2003:179) nos lembra que “não existem textos objetivos,

pois eles são sempre frutos da subjetividade e da visão de mundo de um enunciador. O que há são textos que produzem um efeito de objetividade”.

Existe, por fim, um outro procedimento de enunciação que é a embreagem. Ao contrário da debreagem, a embreagem é um procedimento enunciativo por meio do qual são neutralizadas as oposições dentro de cada uma das categorias da enunciação. Assim, emprega-se uma pessoa com valor de outra, de um espaço com valor de outro, de um tempo com valor de outro. Como exemplo, podemos citar as manchetes de jornais, pois estas evocam uma notícia de ontem por meio de um verbo no presente. Essa prática representa uma embreagem temporal, já que o tempo presente é usado com o valor de pretérito, produzindo um efeito de sentido de presentificação, de trazer a notícia do passado para o tempo do agora, ou seja, de criar uma ilusão de enunciatividade (cf. Hilgert, 2007). A embreagem também ocorre quando, por exemplo, a mãe se dirige ao filho que vai mal nos estudos, mais ou menos nestes termos: “O que é isso filho, nós trabalhando duro para pagar os seus estudos e você não fazendo nenhum esforço para ir bem na escola?!” A mãe diz “nós” (eu e teu pai), mas na verdade o enunciador é um eu. Portanto, trata-se de uma embreagem de pessoa, por meio da qual a primeira pessoa do singular (eu) é substituída pela primeira do plural. Certas formas de embreagem constituem muitas vezes recursos para marcar o texto com traços de oralidade.

Para fechar este capítulo, cabe agora destacar que categorias da enunciação são relevantes para a identificação da oralidade nos textos escritos. Já dissemos que os textos marcados pela oralidade são os textos enunciativos. Portanto, são as marcas de enunciatividade que vão produzir no texto efeitos de oralidade. Dentre as três categorias da enunciação, é particularmente a pessoa que vai se destacar como marcadora da oralidade. Na análise é preciso ficar especialmente atento às ocorrências da relação eu/tu. Muitas vezes o eu não vem explícito, aparecendo somente a referência a você ou vocês. Mas isso já é suficiente para definir a enunciatividade do texto, pois um você só pode ser instituído por um eu. Nesse caso, então, o eu está implícito no uso do você.

Quando se fala que as características enunciativas do texto revelam o grau de oralidade que o caracteriza, não se faz referência somente às categorias que apresentamos neste capítulo. Essas categorias na verdade definem o grande cenário interativo que realiza pelo texto analisado. Dentro desse cenário, outros recursos igualmente assumem o caráter enunciativo, conforme veremos na análise dos textos.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS DE DIVULGAÇÃO

Antes de iniciarmos propriamente com a análise e a interpretação apresentaremos considerações sobre a definição do Corpus e sobre os Procedimentos Metodológicos.

4.1 A propósito do *corpus*

Com o dissemos na introdução, o *corpus* é constituído, no total, de nove textos todos eles retirados da revista *Ciência Hoje das Crianças* (CH das crianças on-line) que é uma das várias publicações do Instituto Ciência Hoje (ICH). O ICH mantém um site de divulgação científica na internet, que é a Ciência Hoje On-Line, fonte de onde foram selecionados os textos deste *corpus*. Cada um dos textos a ser analisado será destacadamente apresentado antes da análise.

4.2 Sobre os procedimentos metodológicos

Como dissemos, os textos serão analisados a partir das categorias da enunciação, mais especificamente a partir daquelas que caracterizam os textos enunciativos. Observaremos, então, em primeiro lugar, o enquadramento enunciativo, isto é, a forma como é constituído o narrador e a relação que ele mantém com o narratário no texto. Verificaremos se o narratário fica implícito nos textos ou se ele vem explicitado na forma de um você ou outro referente. Essa verificação é importante, porque, por meio dela, são produzidos efeitos de proximidade e de realidade maiores.

Dentro desse cenário enunciativo maior, verificaremos como serão tratados o léxico, a sintaxe, as analogias, as metáforas, as exemplificações, enfim, as figuras de linguagem em geral.

Nunca poderemos esquecer que os leitores desses textos são crianças. Veremos, então, também, formas específicas de abordar esse leitor, com os recursos linguísticos comumente usados na comunicação com crianças.

Um aspecto interessante que pretendemos também observar são as chamadas perguntas retóricas. Por meio dela o narrador muitas vezes instala no texto um simulacro de diálogo face a face.

Não é possível antecipar todas as formas por meio das quais o enunciador pode produzir efeitos de oralidade nos textos. Muitos dos recursos para esse fim somente se evidenciarão na medida do desenvolvimento da análise.

Resumindo, a análise que faremos seguirá a sequência dos itens desse quadro:

1. O cenário enunciativo
2. O léxico
3. A linguagem figurada (analogias, metáforas e figuras de linguagem em geral)
4. As exemplificações
5. As perguntas retóricas e as expressões exclamativas
6. A sintaxe

4.3 Análise e Interpretação do *corpus*

Texto 1

Galeria dos bichos ameaçados: bagrinho

Um peixe de rio que cabe na palma da mão corre risco de desaparecer para sempre

O bagrinho vive em riachos da Mata Atlântica.

Pelo título você já sabe de que se trata de um peixe pequeno. E é isso mesmo! O bagrinho cabe na palma da sua mão. Com cerca de oito centímetros já é adulto-bem diferente dos seus parentes peixes do mesmo grupo dos Siluriformes, que podem atingir até dois metros de comprimento.

Este pequeno peixe vive a nadar nas nascentes dos riachos, escondido pela vegetação ou entre pedras e troncos dos rios, onde encontra sua comida favorita: insetos aquáticos-como são chamados os insetos que passam pelo menos um ciclo de suas vidas na água.

Procura-se!

Nome científico: Acentronichthys leptos.

Nome popular: bagrinho.

Tamanho: 8,5 centímetros.

Local onde é encontrado: Mata Atlântica, desde o litoral do estado do Rio de Janeiro até Santa Catarina.

Hábitat: partes altas de pequenos riachos.

Motivo da busca: animal ameaçado de extinção!

A reprodução do bagrinho ocorre entre os meses de setembro e março. As fêmeas podem carregar cerca de 600 ovos. Parece muito? Pois saiba que apenas alguns poucos filhotes conseguem chegar à idade adulta.

O bagrinho pode ser considerado muito exigente quando o assunto é qualidade das águas. Está adaptado à vida em águas limpas e claras, sendo muito sensível às mudanças que acontecem em seu ambiente. Atualmente, poucos peixes desta espécie podem ser encontrados vivendo livres na natureza, principalmente, por causa da degradação do ambiente onde vivem - a Mata Atlântica.

Quando árvores são derrubadas, a temperatura e o nível de água dos riachos, onde o bagrinho vive, sofrem mudanças. O desgaste do solo que o desmatamento pode causar faz com que terra e areia sejam levadas para dentro do rio, deixando a água mais escura e imprópria para nosso bagrinho, que como vimos, está adaptado a águas cristalinas e livres da poluição.

Jean Carlos Miranda

Piatã Santana Marques

e Rosana Mazzoni

Departamento de Ecologia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Publicado em 06/07/2010. Atualizado em 06/07/2010. Acesso em 31/10/2010.

Análise do texto

Temos aqui um *cenário enunciativo* caracterizado pela relação eu vs você, de breagem actancial que marca a enunciatividade. Desse modo, o texto situa-se numa cena de comunicação marcada pela oralidade, já que vemos aqui uma relação que evoca a interação face a face das conversas cotidianas que ocorrem em situações de proximidade entre os interlocutores. Há a presença de um narrador não explicitado, portanto, podemos afirmar que

este se encontra implícito e interpela um narratário tratado por você. Assim, podemos dizer que este é um traço marcante da oralidade, que se acentua quando esta interpelação é explícita:

“ Pelo título você já sabe de que se trata de um peixe pequeno.”

E também quando este narratário se apresenta implícito nas formas pronominais e verbais:

“ O bagrinho cabe na palma da sua mão”

“ Pois saiba que apenas alguns poucos filhotes conseguem chegar à idade adulta.”

Cabe ainda destacar o uso do pronome possessivo *nosso*:

“ O desgaste do solo que o desmatamento pode causar faz com que a terra e areia sejam levadas para dentro do rio, deixando a água mais escura e imprópria para nosso bagrinho, que, como vimos, está adaptado a águas cristalinas e livres de poluição.”

Aqui temos um efeito de subjetividade e aproximação, criando um efeito de sentido de identificação entre narrador e narratário, que se apresentam como sujeitos que pensam e sentem da mesma forma. Desse modo, “não há uma reciprocidade de papéis, já que os papéis do eu e do você não se separam, não se distinguem, mas ao contrário se confundem numa “massa amorfa” comum” (cf. Barros, 2002: 25). Cria-se assim, um efeito de ausência de interação substituída pela identificação do narrador e do narratário.

Com relação aos *aspectos lexicais*, destacamos o uso do diminutivo na designação do nome do peixe. O nome popular do peixe é bagrinho, aparecendo no diminutivo, o que de certa forma, aproxima-se da linguagem do universo infantil. Como exemplo, temos:

“Galeria dos bichos ameaçados: bagrinho”

“Pelo título você já sabe de que se trata de um peixe pequeno.”

Do ponto de vista lexical notamos que dentro do cenário enunciativo marcado pela enunciatividade, há também a presença de passagens enuncivas no que se refere àquilo que não é da linguagem corrente, ou seja, quando nos deparamos com as citações dos nomes

científicos. Assim, os textos enuncivos caracterizam-se pela objetividade, pela informação precisa e livre de opiniões pessoais (cf. Hilgert, 2009). Desse modo, há algumas passagens que denotam esse distanciamento e essa objetividade quando o narrador faz referências aos termos científicos. Vejamos este exemplo:

“Com cerca de oito centímetros já é adulto-bem diferente dos seus parentes peixes do mesmo grupo dos Siluriformes, que podem atingir até dois metros de comprimento.”

A respeito dos *aspectos figurativos*, podemos dizer que estes são estratégias enunciativas que buscam apresentar o texto de divulgação científica para crianças numa linguagem mais próxima das práticas sociais e com uma maior possibilidade de compreensão das mesmas em relação aos textos. Assim no exemplo a seguir, a figurativização busca produzir efeitos de realidade para aproximar-se do universo infantil. Assim temos:

“Um peixe de rio que cabe na palma da mão corre risco de desaparecer para sempre.”

Aqui cabe destacar que a figurativização aparece para revelar ao leitor por meio da figura “ *Um peixe pequeno que cabe na palma da mão*” o tamanho pequeno do peixe.

Podemos destacar nos procedimentos de figurativização a presença de um gênero de cartaz (Procura-se) geralmente divulgados por rodovias, aeroportos, em busca de pessoas desaparecidas ou que apresentam problemas com a justiça. Neste caso, traz dentro do estilo de texto (Procura-se) uma espécie de estilização, mas com informações sobre o peixe. Temos, portanto, um exemplo de intertextualidade que objetiva aproximar-se da realidade das crianças:

Procura-se!

Nome científico: Acentronichthys leptos.

Nome popular: bagrinho.

Tamanho: 8,5 centímetros.

Local onde é encontrado: Mata Atlântica, desde o litoral do estado do Rio de Janeiro até Santa Catarina.

Habitat: partes altas de pequenos riachos.

Motivo da busca: animal ameaçado de extinção!

As *perguntas retóricas* também se fazem presentes, instalando no texto, uma “simulação do diálogo” (cf. Barros, 2006:67). Sabemos que sua função não visa ao propósito de obter uma resposta do interlocutor, entretanto, este recurso cria um simulacro das interações face a face. Vejamos o exemplo:

“A reprodução do bagrinho ocorre entre os meses de setembro e março. As fêmeas podem carregar cerca de 600 ovos. Parece muito? Pois saiba que apenas alguns poucos filhotes conseguem chegar à idade adulta.”

Da mesma natureza das *perguntas retóricas* são as *expressões exclamativas*. Elas também aparecem no texto simulando a reação de surpresa do narratário diante da afirmação do narrador.

Temos aqui uma simulação da fala, ou seja, do diálogo entre os interlocutores, criando um efeito de sentido de proximidade entre narrador e narratário:

“ Pelo título, você já sabe de que se trata de um peixe pequeno. E é isso mesmo!”

Sobre a *sintaxe*, podemos dizer que esta não apresenta uma oralidade tão marcante, pois nos deparamos com estruturas comuns, que aparecem com muita frequência no cotidiano, entretanto não podemos considerá-las como marcas típicas da oralidade. Podemos dizer que os textos situam-se em uma posição intermediária “na representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita”. (cf. Marcuschi, 2001:41).

Notamos a presença de expressões curtas, sem muita complexidade, com exemplos de períodos simples. Há tanto a presença de orações coordenadas quanto subordinadas. Dentre as subordinadas, percebemos a presença marcante das subordinadas adjetivas:

“Um peixe de rio que cabe na palma da sua mão, corre risco de desaparecer para sempre.”

“Com cerca de oito centímetros já é adulto-bem diferente dos seus parentes peixes do mesmo grupo dos Siluriformes, que podem atingir até dois metros de comprimento.”

“Este pequeno peixe vive a nadar nas nascentes dos riachos, escondido pela vegetação ou entre pedras e troncos dos rios, onde encontra sua comida favorita: insetos aquáticos-como são chamados os insetos que passam pelo menos um ciclo de suas vidas na água.”

“ Está adaptado à vida em águas limpas e claras, sendo muito sensível às mudanças que acontecem em seu ambiente.”

“O desgaste do solo que o desmatamento pode causar faz com que a terra e areia sejam levadas para dentro do rio, deixando a água mais escura e imprópria para nosso bagrinho, que, como vimos, está adaptado a águas cristalinas e livres da poluição”

Temos também exemplos de orações subordinadas substantivas objetivas, como exemplos podemos citar:

“Pelo título você já sabe de que se trata de um peixe pequeno.”

“Pois saiba que apenas alguns poucos filhotes conseguem chegar à idade adulta.”

Destacamos também a presença do título em estrutura nominal, outra característica dos textos orais:

“Galeria dos bichos ameaçado: bagrinho.”

Texto 2

Sólido, líquido, gasoso e outras possibilidades

As substâncias podem assumir muitas formas diferentes. Confira na CHC 212!

Você já deve ter notado que a água é como um mutante. Ela passa de líquida a gelo, se estiver num lugar muito frio, como o congelador da geladeira da sua casa. Passa também a vapor, se estiver muito quente, como acontece quando alguém a ferve para fazer café ou chá. Mas, por acaso, você já pensou em como e por que isso acontece?

As formas que as substâncias assumem são chamadas “estados físicos”, sendo o estado sólido, o líquido e o gasoso os mais conhecidos. Um jeito legal e simples de entender sobre os estados físicos é observar o que acontece com a própria água, que está bem presente nas nossas vidas.

O estado físico da água muda com a temperatura. Se ela está líquida e a sua temperatura aumenta, ela evapora, vira gás, vapor. Se a sua temperatura diminui, o vapor vira líquido de novo. E se o líquido é resfriado o suficiente-como acontece em locais muito frios,

como o congelador ou o pólo Sul e o pólo Norte- vira gelo. Se a temperatura aumenta, o gelo derrete e a água volta a ser líquida.

Outras possibilidades

Além de sólido, líquido e gasoso, porém, existem outros estados físicos que podem ser muito diferentes desses três. Um exemplo disso é o plasma, um gás especial. Especial por quê? Porque diferentemente dos gases comuns, ele conduz eletricidade e pode emitir luz. Sua aparência é diferente também: repare só as lâmpadas fluorescentes funcionando. O que circula dentro delas é o plasma, presente ainda nos relâmpagos, no Sol e em muitos locais do Universo.

Outro exemplo de estado físico diferente é o de substâncias que parecem um meio-termo, isto é, se comportam tanto como líquidos quanto como sólidos. É o caso da gelatina, do gel que deixa o cabelo espetado, dos cristais das telas de TV e computador conhecidos como LCD. Dependendo das condições, como a temperatura, essas substâncias podem ter mais jeito de sólido ou mais parecer um líquido. Quer ver como isso funciona? Agite bem um gel e repare que ele fica fluido, quase líquido. Em seguida, deixe ele parado e note como fica mais firme.

Temperaturas muito baixas ou muito altas, assim como pressões muito altas, podem fazer com que outros tipos de substâncias – que não a água-apresentem comportamentos pra lá de esquisitos. Tem material condutor de eletricidade que a temperaturas muito baixas se torna um supercondutor, ou seja, é capaz de conduzir eletricidade sem se esquentar. Isso é algo especial. Talvez você nunca tenha percebido, mas os fios de aparelhos como televisão e ferro de passar roupa se esquentam quando estão ligados, o que é um problema porque parte da energia que deveria ir para o aparelho é transformada no calor que esquentam o fio.

Enfim, os estados de uma substância, seja ela qual for, nada mais são do que formas diferentes de organização dos átomos, partículas minúsculas que podem ser comparadas a microscópicas pecinhas de lego. Essas peças, os átomos, podem ser mais ordenadas e certinhas (como acontece quando a água está sob a forma de gelo); menos ordenadas, como no caso da água líquida; ou menos ordenadas ainda, quando a água vira vapor. Então? Não é interessante o modo como as substâncias mudam de forma?!

Eduardo de Campos Valadares

Departamento de Física

Universidade Federal de Minas Gerais

Publicado em 21/05/2010. Atualizado em 21/05/2010. Acesso em 31/10/2010.

Análise do texto

A *cena enunciativa* aqui apresentada nos revela um narrador implícito que se torna explícito na presença de um narratário *você*, típico das interações faladas. Vemos aqui que este narrador dirige-se ao narratário de maneira explícita como exemplos podemos citar:

“ Você já deve ter notado que a água é como um mutante.”

“ Talvez você nunca tenha percebido, mas os fios de aparelhos como televisão e ferro de passar roupa se esquentam quando estão ligados , o que é um problema porque parte da energia que deveria ir para o aparelho é transformada no calor que esquentam o fio”.

“Mas, por acaso, você já pensou em como e por que isso acontece?”

Podemos destacar ainda alguns exemplos em que essa relação narrador vs narratário (eu vs *você*) aparece de forma implícita nas formas verbais que seguem:

“Sua aparência é diferente também: repare só as lâmpadas fluorescentes funcionando.”

“Quer ver como isso funciona? Agite bem um gel e repare que ele fica fluido, quase líquido. Em seguida, deixe ele parado e note como fica mais firme.”

E também na forma pronominal *sua*:

“Ela passa de líquida a gelo, se estiver num lugar muito frio, como o congelador da geladeira da sua casa.”

Notamos que o uso do pronome possessivo *nosso* produz efeitos de identificação com o destinatário, anulando a distância entre narrador e narratário, traço típico das interações faladas. (cf. Barros, 2002):

“Um jeito legal e simples de entender sobre os estados físicos é observar o que acontece com a própria água, que está presente nas nossas vidas.”

Não podemos deixar de destacar algumas passagens enuncivas, embora o texto seja marcado pela subjetividade na sua totalidade. Sabemos que os textos enuncivos apresentam como características a objetividade e a precisão nas informações, livres de subjetividade. Dessa forma, notamos no texto a presença de algumas passagens explicativas utilizando termos próprios da Física. Vejamos os exemplos:

“As formas que as substâncias assumem são chamadas “estados físicos”, sendo o estado sólido, o líquido e o gasoso os mais conhecidos.”

“O estado físico da água muda com a temperatura. Se ela está líquida e a sua temperatura aumenta, ela evapora, vira gás, vapor.”

“Além de sólido, líquido e gasoso, porém, existem outros estados físicos que podem ser muito diferentes desses três. Um exemplo disso é o plasma, um gás especial. Especial por quê? Porque diferentemente dos gases comuns, ele conduz eletricidade e pode emitir luz.”

“Tem material condutor de eletricidade que a temperaturas muito baixas se torna um super condutor, ou seja, é capaz de conduzir eletricidade sem se esquentar.”

A propósito das *escolhas lexicais*, cabe registrar aqui alguns exemplos de informalidade e inclusive o recurso da gíria *legal* acentuando a coloquialidade da interação entre narrador e narratário. Vejamos:

“Um jeito legal e simples de entender sobre os estados físicos é observar o que acontece com a própria água, que está bem presente nas nossas vidas.”

Há ainda um outro registro de informalidade, típico das interações faladas quando menciona a expressão *pra lá de esquisitos*:

“Temperaturas muito baixas ou muito altas, assim como pressões muito altas, podem fazer com que outros tipos de substâncias- que não a água- apresentem comportamentos prá lá de esquisitos.”

Encontramos também o elemento anafórico *isso*, traço marcante da oralidade. O uso da anáfora é praticamente inexistente nos textos mais formais, mais elaborados, já que são textos menos repetitivos e mais precisos. Assim temos:

“Tem material condutor de eletricidade que a temperaturas muito baixas se torna um super condutor, ou seja, é capaz de conduzir eletricidade sem se esquentar. Isso é algo especial.”

No exemplo anterior cabe destacar a utilização do verbo *ter* em lugar de *haver*, outra característica marcante da oralidade.

No que respeita aos *aspectos figurativos* no texto, nos deparamos com diversas explicações de termos científicos que não são compatíveis com a linguagem infantil sendo supridos a partir de algumas analogias por meio da evocação de referências do contexto da vida cotidiana da criança. Vejamos algumas citações que exemplificam o exposto acima:

“Você já deve ter notado que a água é como um mutante.”

Aqui o autor compara o elemento água ao *mutante*, isto é, “um organismo, célula ou gene que sofreu mutação”. (cf.Houaiss, 2009:518).

“Enfim, os estados de uma substância, seja ela qual for, nada mais são do que formas diferentes de organização dos átomos, partículas minúsculas que podem ser comparadas a microscópicas pecinhas de lego.”

O narrador vale-se da comparação dos átomos ao *jogo infantil lego*, conhecido no universo infantil.

Outras figurativizações são bastante recorrentes no texto. Como exemplos, podemos citar algumas comparações:

“Ela passa de líquida a gelo, se estiver num lugar muito frio, como o congelador da geladeira da sua casa. Passa também a vapor, se estiver muito quente, como acontece quando alguém a ferve para fazer café ou chá.”

“Outro exemplo de estado físico diferente é o de substâncias que parecem um meio-termo, isto é, se comportam tanto como líquidos quanto como sólidos. É o caso da gelatina,

do gel que deixa o cabelo espetado, dos cristais das telas de TV e computador conhecidos como LCD.”

Nos exemplos acima, para aproximar-se da linguagem infantil, ou seja, da linguagem corrente das interações cotidianas das crianças, o narrador utiliza-se de comparações com elementos que pertençam ao contexto da vida cotidiana das crianças. Desse modo, compara o estado de gelo da água ao *congelador da geladeira* e também o estado de vapor, à *ação de alguém ferver a água para fazer café ou chá*. Já no outro exemplo, para ilustrar as substâncias que parecem um meio-termo, isto é, se comportam tanto como líquidos quanto como sólidos, mostra ao narratário também elementos do universo infantil quando compara o estado da substância à *gelatina, ao gel que deixa o cabelo espetado, aos cristais das telas de TV e computador conhecidos como LCD*.

As marcas de oralidade tornam-se ainda mais marcantes, quando o narrador ao dirigir-se ao narratário, interpela-o com uma *pergunta retórica*, característica própria das interações faladas. Assim destacamos os exemplos:

“Mas, por acaso, você já pensou em como e por que isso acontece?”

“Um exemplo disso é o plasma, um gás especial. Especial por quê?”

“Quer ver como isso funciona?”

Com relação aos *aspectos sintáticos*, podemos dizer que são encontrados exemplos de orações subordinadas adjetivas, como podemos notar:

“As formas que as substâncias assumem são chamadas “estados físicos”, sendo o estado sólido, o líquido e o gasoso os mais conhecidos.”

“Um jeito legal e simples de entender sobre os estados físicos é observar o que acontece com a própria água, que está bem presente nas nossas vidas.”

“Além de sólido, líquido e gasoso, porém existem outros estados físicos que podem ser muito diferentes desses três.

“Outro exemplo de estado físico diferente é o de substâncias que parecem um meio-termo, isto é, se comportam tanto como líquidos quanto como sólidos. É o caso da gelatina, do gel que deixa o cabelo espetado, dos cristais das telas de TV e computador conhecidos como LCD.”

“Tem material condutor de eletricidade que a temperaturas muito baixas se torna um supercondutor, ou seja, é capaz de conduzir eletricidade sem se esquentar.”

Enfim, os estados de uma substância, seja ela qual for, nada mais são do que formas diferentes de organização dos átomos, partículas minúsculas que podem ser comparadas a microscópicas pecinhas de lego.”

Percebemos assim, uma estrutura sintática comum, típica das interações cotidianas, situando-se no contínuo dos gêneros textuais entre fala e escrita. (cf. Marcuschi, 2001). Desse modo, tanto orações subordinadas adjetivas são presentes no texto, quanto as orações subordinadas substantivas objetivas. Vejamos os exemplos:

“Você já deve ter notado que a água é como um mutante.”

“Um jeito legal e simples de entender sobre os estados físicos é observar o que acontece com a própria água, que está bem presente nas nossas vidas.”

“Agite bem um gel e repare que ele fica fluido, quase líquido.”

Convém destacarmos o exemplo de oração subordinada adverbial, manifestando circunstâncias comuns de tempo:

“Essas peças, os átomos, podem ser mais ordenadas e certinhas (como acontece quando a água está sob a forma de gelo); menos ordenadas, como no caso da água líquida; ou menos ordenadas ainda, quando a água vira vapor.”

Texto 3

Você sabia que o Wolverine existe?

Conheça o animal que inspirou a criação do mutante mais famoso dos quadrinhos e do cinema

Faro aguçado, muita força, temperamento briguento e garras potentes. Qualquer semelhança com um famoso mutante não é mera coincidência. Estamos falando mesmo do Wolverine! Mas este não está nos quadrinhos, nas telas de cinema, não fala e não encanta as mocinhas. Para os cientistas, ele é o *Gulo gulo*, mamífero da família dos mustelídeos- parente das lontras e da ariranha- e dono das características que inspiraram a criação do herói da ficção.

Gulo gulo é popularmente conhecido como carcaju, glutão ou wolverine. É um animal encontrado no hemisfério norte, tanto na América quanto no continente europeu. Ele tem uma camada grossa de pelo marrom, que o protege do frio e da neve. Visivelmente forte, mede cerca de quarenta centímetros de altura e pesa até trinta quilos.

O wolverine real, como o herói mutante, também é de poucos amigos, adora uma briga e é muito corajoso. Ele pode espantar raposas e lobos de carcaças de animais, prato que está no seu cardápio. Além disso, gosta de comer ovos de aves e frutos. Suas garras não são adamantium- a liga metálica inventada para o Wolverine da ficção-, mas são extremamente potentes, usadas com muita habilidade para cavar buracos no solo em busca de roedores e para construção de abrigos.

Incansável como o herói, o Wolverine real também é andarilho. Às vezes, caminha até quinze quilômetros sem descansar, podendo se afastar, depois de muitos meses, quase 400 quilômetros do local onde nasceu.

Wolverines de verdade, assim como o famoso, não são lá muito sociáveis, mas gostam de namorar. Porém, na vida real, os machos só ficam junto das fêmeas na época reprodutiva, para ter os filhotes em segurança. Entre os machos não há tolerância. Eles não dividem o mesmo espaço.

O wolverine que encontramos na natureza não tem uma reputação muito boa. É acusado de atacar animais domésticos, como as ovelhas. Por isso, costuma ser alvo de caçadores descontentes com sua prática e que fazem casaco com a sua pele.

Agora quando alguém vier lhe contar que viu o Wolverine ao vivo e em cores, pode ir logo perguntando se foi em algum zoológico!

Rodrigo Hirata Willemart

Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Universidade de São Paulo

Publicado em 19/04/2010. Atualizado em 19/04/2010. Acesso em 31/10/2010.

Análise do texto

O *cenário enunciativo* que aqui encontramos nos revela um narrador que interpela o narratário por uma pergunta já no título do seu texto. A utilização da construção interrogativa é uma marca da oralidade instituindo no texto um efeito de proximidade entre os interlocutores. O narrador dirige-se ao narratário pelo uso do pronome de tratamento *você*, ou

seja, cria-se um narratário definido. O uso do pronome *você* , nos mostra também que esta escolha aproxima o texto das marcas da oralidade, visto que este grau de intimidade estabelecido é típico das interações faladas e das situações de informalidade. Vejamos o exemplo que explicita o que dissemos acima:

“ Você sabia que o Wolverine existe?”

Esse cenário representa uma relação de simetria entre os interlocutores que se colocam no mesmo nível da conversação. Assim encontramos também um narrador que se apresenta implícito e interpela um *você* implícito nas formas verbais nos exemplos a seguir:

“ Conheça o animal que inspirou a criação do mutante mais famoso dos quadrinhos e do cinema.”

“Agora quando alguém vier lhe contar que viu o Wolverine ao vivo e a cores, pode ir logo perguntando se foi em algum zoológico!”.

Há ainda o uso do *nós* inclusivo, que segundo Barros (2002), produz além dos efeitos de subjetividade, próprios do uso de 1ª pessoa, o efeito de identificação com o destinatário. Como exemplo, podemos citar:

“ Estamos falando mesmo do Wolverine!”

“O wolverine que encontramos na natureza não tem uma reputação muito boa.”

Quanto às *escolhas lexicais* , cabe destacar alguns registros de informalidade, típicos da linguagem oral como o adjetivo *briguento* :

“Faro aguçado, muita força, temperamento briguento e garras potentes.”

E algumas expressões de informalidade, tais como, *é de poucos amigos, adora uma briga, pode ir logo perguntando* :

“O Wolverine real, como o herói mutante, também é de poucos amigos, adora uma briga e é muito corajoso.”

“Agora quando alguém vier lhe contar que viu o Wolverine ao vivo e a cores, pode ir logo perguntando se foi em algum zoológico!”

No que se refere aos *procedimentos figurativos*, notamos algumas estratégias enunciativas que buscam apresentar e aproximar o texto de divulgação científica para crianças com uma linguagem voltada às práticas sociais e às competências linguísticas das crianças. Desse modo temos aqui o registro da comparação do animal Wolverine com a personagem dos quadrinhos e das telas do cinema, conhecidos do público infantil a partir do uso da linguagem figurada. Nos exemplos a seguir podemos perceber tais comparações:

“ Você sabia que o Wolverine existe?”

“ Conheça o animal que inspirou a criação do mutante mais famoso dos quadrinhos e do cinema.”

“ Também conhecido como carcaju e glutão, este animal inspirou a criação do personagem Wolverine.”

“ Qualquer semelhança com um famoso glutante não é mera coincidência. Estamos falando mesmo do Wolverine! Mas este não está nos quadrinhos, nas telas de cinema, não fala e não encanta as mocinhas.”

“ Faro aguçado, muita força, temperamento briguento e garras potentes. Qualquer semelhança com um famoso mutante não é mera coincidência.”

“ O wolverine real, como o herói mutante, também é de poucos amigos, adora uma briga e é muito corajoso.”

“Suas garras não são de adamantium- a liga metálica inventada para o Wolverine da ficção- ,mas são extremamente potentes, usadas com muita habilidade para cavar buracos no solo em busca de roedores e para a construção de abrigos”

“ Incansável como o herói, o Wolverine real também é andarilho.”

“Wolverines de verdade, assim como o famoso, não são lá muito sociáveis, mas gostam de namorar.”

Também percebemos um outro registro de coloquialidade, quando utiliza o verbo *namorar* para tratar da reprodução do animal. Dessa forma, o narrador vale-se uma relação de analogia com as relações humanas, procurando explicar ao narratário criança a função da reprodução por meio da evocação de referências do contexto do universo infantil. Vejamos:

“Wolverines de verdade, assim como o famoso, não são lá muito sociáveis, mas gostam de namorar. Porém, na vida real, os machos só ficam junto das fêmeas na época reprodutiva, para ter os filhotes em segurança. Entre os machos não há tolerância. Eles não dividem o mesmo espaço.”

As *perguntas retóricas* bem como os *enunciados exclamativos*, embora não visem ao propósito de obter uma resposta do interlocutor, simulam o diálogo, pois o ato de fazer perguntas e expressar surpresa, são atos típicos das interações faladas, isto é, marcados pela oralidade. Vejamos os exemplos a seguir:

“Você sabia que o Wolverine existe?”

“Estamos falando do Wolverine!”

“Agora quando alguém vier lhe contar que viu o Wolverine ao vivo e a cores, pode ir logo perguntando se foi em algum zoológico!”

A propósito das *estruturas sintáticas* podemos notar a presença de orações subordinadas adjetivas e orações substantivas objetivas, colocando o texto numa posição intermediária entre fala e escrita. Assim, temos uma característica sintática de textos simples, com estruturas comuns, mas não tão próximas da oralidade em relação aos outros itens analisados. Vejamos alguns exemplos de orações subordinadas adjetivas:

“Conheça o animal que inspirou a criação do mutante mais famoso dos quadrinhos e do cinema.”

“Para os cientistas, ele é o Gulo gulo, mamífero da família dos mustelídeos-parente das lontras e da ariranha- e dono das características que inspiraram a criação do herói da ficção.”

“Ele tem uma camada grossa de pelo marrom, que o protege do frio e da neve.”

“Ele pode espantar raposas e lobos de carcaças de animais, prato que está no seu cardápio.”

Temos também exemplos de orações subordinadas substantivas objetivas:

Você sabia que o Wolverine existe?

Agora quando alguém vier lhe contar que viu o Wolverine ao vivo e a cores, pode ir logo perguntando se foi em algum zoológico?

Há também alguns exemplos de orações subordinadas adverbiais que indicam finalidade:

“Suas garras não são de adamantium- a liga metálica inventada para o Wolverine da ficção-, mas são extremamente potentes, usadas com muita habilidade para cavar buracos no solo em busca de roedores e para a construção de abrigos.”

“Porém, na vida real, os machos só ficam junto das fêmeas na época reprodutiva, para ter os filhotes em segurança.”

Texto 4

Como funciona a garrafa térmica?

Saiba por que, dentro dela, o seu chocolate quente não esfria e tampouco o seu refresco esquenta!

Dentro dela seu chocolate quente não esfria, tampouco seu refresco esquenta, por maior que seja o calor do lado de fora. Você a carrega de um lado para o outro, mas nunca se pergunta: como que funciona a garrafa térmica? Quanta injustiça...

A ação da garrafa térmica é pura física. Isso mesmo! O princípio básico desse utensílio doméstico é evitar as formas de transmissão de calor, que se dá de um objeto mais quente para outro mais frio.

Em outras palavras, para manter seu conteúdo quentinho ou geladinho, a garrafa térmica tem uma ampola de vidro de paredes duplas, espelhadas interna e externamente, com o espaço entre elas praticamente vazio. As paredes espelhadas são para refletir a radiação, impedindo que ela se propague do interior do recipiente para fora, no caso de líquidos quentes (como o seu chocolate); ou de fora para dentro, no caso de líquidos frios (como o seu refresco). Já o espaço vazio é para dificultar a propagação de calor pelo contato da garrafa com a região a sua volta. É assim que este recipiente dificulta a entrada ou a saída de calor.

Numa eventual queda da garrafa térmica, mesmo com a proteção externa, que em geral é feita de plástico, a ampola de espelho pode trincar ou rachar. Consequentemente, o

espaço entre as paredes deixa de ser vazio, e o ar que fica entre as paredes dificulta a retenção de calor.

Moral da história: se a sua garrafa já não consegue manter o chocolate bem quentinho ou o refresco geladinho por muito tempo, talvez seja por conta de algum dano nas paredes espelhadas. Então, quando ganhar uma nova, tenha bastante cuidado!

Fábio Luis Alves Pena

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- IFBA

Publicado em 30/03/2010. Atualizado em 13/04/2010. Acesso em 31/10/2010.

Análise do texto

A *cena enunciativa* aqui apresentada nos mostra um narrador que interpela o narratário já no título do texto com a pergunta:

“Como funciona a garrafa térmica?”

No entanto, sabemos que o *you* aparece de forma implícita neste exemplo com o objetivo de simular um diálogo em que um interlocutor dirige uma pergunta a um outro, traço típico das interações face a face.

O uso implícito do pronome de tratamento *you* aparece nas formas verbais *saiba*, *ganhar* e *tenha* e nas formas pronominais *seu* e *sua* como podemos ver:

“Saiba por que, dentro dela, o seu chocolate quente não esfria e tampouco o seu refresco esquenta!”

“Dentro dela seu chocolate quente não esfria, tampouco seu refresco esquenta, por maior que seja o calor do lado de fora.”

“As paredes espelhadas são para refletir a radiação, impedindo que ela se propague do interior do recipiente para fora, no caso de líquidos quentes como o seu chocolate); ou propague de fora para dentro, no caso de líquidos frios (como o seu refresco)”.

“Moral da história: se a sua garrafa já não consegue manter o chocolate bem quentinho ou o refresco geladinho por muito tempo, talvez seja por conta de algum dano nas paredes espelhadas. Então, quando ganhar uma nova: tenha bastante cuidado”.

Compondo a cena enunciativa descrita acima, temos também um narrador que se apresenta implícito na medida em que interpela um você que aparece explicitado no exemplo a seguir:

“Você a carrega de um lado para o outro, mas nunca se pergunta: como é que funciona a garrafa térmica? Quanta injustiça...”

Quanto aos *aspectos lexicais*, podemos notar o uso do léxico no diminutivo, bastante frequente nas interações com as crianças, com o uso das palavras *quentinho* e *geladinho*:

“Em outras palavras, para manter seu conteúdo quentinho ou geladinho, a garrafa térmica tem uma ampola de vidro de paredes duplas, espelhadas interna e externamente, com o espaço entre elas praticamente vazio.”

Podemos dizer que o narrador procura aproximar-se de seu narratário através de um vocabulário comum, corrente das interações cotidianas das crianças. O texto aborda como assunto a física e suas formas de transmissão de calor, sendo que para isso, busca recursos metaenunciativos visando a uma maior aproximação com o leitor. Desse modo vemos que a explicação de como funciona a garrafa térmica baseia-se no recurso da *figurativização*, quando passa a explicar o seu uso a partir de um exemplo típico da realidade das crianças que é tomar chocolate quente pela manhã ou um refresco. Assim, temos como exemplo:

“Saiba por que, dentro dela, o seu chocolate quente não esfria e tampouco o seu refresco esquenta!”

Comparações com os hábitos alimentares das crianças são frequentes no texto para explicar os conceitos da física a partir do uso da garrafa térmica. Vejamos o exemplo:

“As paredes espelhadas são para refletir a radiação, impedindo que ela se propague do interior do recipiente para fora, no caso de líquidos quentes (como o seu chocolate); ou de fora para dentro, no caso de líquidos frios (como o seu refresco.) Já o espaço vazio é para dificultar a propagação de calor pelo contato da garrafa com a região a sua volta. É assim que este recipiente dificulta a entrada ou a saída de calor.”

Convém destacar a expressão *moral da história*, pertencente aos gêneros das narrações textuais. De acordo com Hilgert (2009:36) “Sabemos que a narração é o primeiro tipo de texto que a criança aprende a apreciar como ouvinte, e a usar como falante.” Desse modo as narrativas fazem parte das interações cotidianas das crianças, o que de certa forma serve para aproximar o autor de seu leitor:

“Moral da história: se a sua garrafa já não consegue manter o chocolate bem quentinho ou o refresco geladinho por muito tempo, talvez seja por conta de algum dano nas paredes espelhadas. Então, quando ganhar uma nova, tenha bastante cuidado!”

Dentro do cenário enunciativo exposto acima temos também a presença de um *enunciado exclamativo* que simula uma possível interação entre narrador e narratário, pressupondo uma demonstração de surpresa do narratário diante de uma afirmação do narrador. Vejamos o exemplo:

“A ação da garrafa térmica é pura física. Isso mesmo!”

As *perguntas retóricas* também se destacam no texto, na medida em que ainda que não ocorra uma resposta explícita, a pergunta sugere uma possibilidade de resposta. Podemos dizer que trata-se de uma estratégia para produzir um efeito de conversa, isto é, um efeito de oralidade. Como afirma Barros (2006), temos uma simulação do diálogo:

“Como funciona a garrafa térmica?”

Com relação às *estruturas sintáticas* dos períodos, encontramos estruturas de textos simples, caracterizando as orações na posição intermediária entre fala e escrita. (cf. Marcuschi, 2001). Notamos a presença de períodos em que predominam a subordinação adjetiva, como mostram estes exemplos:

“O princípio básico desse utensílio doméstico é evitar as formas de transmissão de calor, que se dá de um objeto mais quente para outro mais frio.”

“Numa eventual queda da garrafa térmica, mesmo com a proteção externa, que em geral é feita de plástico, a ampola de espelho pode trincar ou rachar. Consequentemente, o

espaço entre as paredes deixa de ser vazio, e o ar que fica entre as paredes dificulta a retenção de calor.”

Um outro exemplo de subordinação substantiva em que temos uma oração objetiva:

“Você a carrega de um lado para o outro, mas nunca se pergunta: como é que funciona a garrafa térmica?”

E outro exemplo de subordinação adverbial, com destaque para a oração subordinada adverbial de tempo:

“ Então, quando ganhar uma nova, tenha bastante cuidado!”

Texto 5

Como funciona a geladeira?

Ao retirar o calor do seu interior e jogá-lo para fora, esse eletrodoméstico garante a conservação dos alimentos!

Um sorvete! Uma água geladinha! Um suco cheio de pedrinhas de gelo! O que seria desses e de outros itens refrescantes sem a geladeira? Além de gelar, esse eletrodoméstico é também muito importante para a conservação de alimentos. E sabe o que há de especial no seu funcionamento? Anote aí: a função de retirar calor do interior e jogá-lo para fora.

Para entender como essa troca acontece, podemos começar prestando atenção na estrutura de geladeira por fora e por dentro. Observe, então, seu lado externo: na parte de trás, há um tubo longo e sinuoso chamado serpentina, que vai de cima a baixo. Dentro dele existe a chamada “substância refrigerante”, que é conhecida assim por causa das transformações pelas quais passa para que a geladeira cumpra sua função de refrigerar.

No caminho pela serpentina, essa substância passa por constantes mudanças de pressão, que alteram o seu estado. Dentro da serpentina, pelo lado de fora, ela é um líquido, até chegar a um compressor, na parte inferior da geladeira. No compressor, há uma válvula que estreita a passagem do líquido e aumenta a pressão dentro do tubo, transformando-o em gás. O caminho continua além do compressor e a pressão vai diminuindo à medida que a serpentina passa pelo lado de dentro da geladeira. Nesse processo, a temperatura do gás vai

ficando mais baixa até chegar à parte superior da geladeira, onde se espalha e refrigera o que está em todo o aparelho.

É da parte superior que sai o ar mais frio para refrigerar tudo o que está na geladeira. Por que o ar sai por cima? Porque o ar frio é mais pesado e se espalha com facilidade de cima para baixo. Se fosse o contrário, seria difícil fazer para o ar frio, que é pesado, subir e se espalhar. Enfim, é pelas divisórias que há na geladeira que o ar frio sai e se espalha, tornando tudo o que está lá dentro geladinho, geladinho!

Oscar Rodrigues dos Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Campus Campo Mourão- PR.

Publicado em 24/02/2010. Atualizado em 24/02/2010. Acesso em 31/10/2010.

Análise do texto

No *cenário enunciativo* que aqui se apresenta temos um narrador que se dirige a um narratário você implícito nas formas verbais, interpelando-o como acontece nas conversações:

“Anote aí: a função de retirar calor do interior e jogá-lo fora.”

“Observe, então, seu lado externo: na parte de trás, há um tubo longo e sinuoso chamado serpentina, que vai de cima a baixo.”

“E sabe o que há de especial em seu funcionamento?”

Um outro aspecto a considerar é o uso do nós, na medida em que é constituído pelo eu do narrador e pelo você do narratário, evocando também uma marca da oralidade. Há um efeito de subjetividade e de aproximação, um efeito de sentido de identificação com o destinatário. (cf. Barros, 2002):

“Para entender como essa troca acontece, podemos começar prestando atenção na estrutura de geladeira por fora e por dentro.”

As passagens enuncivas também caracterizam este texto, na medida em que encontramos passagens marcadas pela precisão e objetividade na linguagem para explicar o assunto tratado que é da área da Física. Como exemplo podemos citar o trecho:

“No caminho pela serpentina, essa substância passa por constantes mudanças de pressão, que alteram o seu estado. Dentro da serpentina, pelo lado de fora, ela é um líquido, até chegar a um compressor, na parte inferior da geladeira. No compressor, há uma válvula que estreita a passagem do líquido e aumenta a pressão dentro do tubo, transformando-o em gás. O caminho continua além do compressor e a pressão vai diminuindo à medida que a serpentina passa pelo lado de dentro da geladeira. Nesse processo, a temperatura do gás vai ficando mais baixa até chegar à parte superior da geladeira, onde se espalha e refrigera o que está em todo o aparelho.”

O enunciador não projeta aqui os traços enunciativos no enunciado. Podemos dizer que as marcas da enunciação aparecem apagadas, ou seja, a linguagem da subjetividade e da aproximação que caracteriza os textos de divulgação científica para crianças dá espaço a um discurso que produz efeitos de objetividade.

Entretanto, notamos uma maior aproximação quando nos deparamos com um *léxico* pertencente a um vocabulário corrente das interações cotidianas das crianças. Palavras como *sorvete* e o uso dos diminutivos *geladinha*, *pedrinha* e *geladinho* revelam uma maior aproximação do texto científico escrito de acordo com as competências de compreensão e interpretação das crianças. Vejamos os exemplos:

“Um sorvete! Uma água geladinha! Um suco cheio de pedrinhas de gelo!”

“Enfim, é pelas divisórias que há na geladeira que o ar frio sai e se espalha, tornando tudo o que está lá dentro geladinho, geladinho!”

Percebemos uma estratégia enunciativa de aproximação do narrador com o seu narratário quando busca explicar o funcionamento da geladeira a partir de alguns exemplos típicos das realidades das crianças. Assim, a *figurativização* tem destaque quando o narrador exemplifica alguns itens que necessitam permanecer na geladeira para sua conservação, buscando relacioná-los com as práticas sociais das crianças para explicar o funcionamento da mesma. Cabe destacar também a utilização das *expressões exclamativas* em que nos revelam uma simulação de uma interação face a face. Desse modo temos:

“Um sorvete! Uma água geladinha! Um suco cheio de pedrinhas de gelo! O que seria desses e de outros itens refrescantes sem a geladeira?”

“Enfim, é pelas divisórias que há na geladeira que o ar frio se espalha, tornando tudo o que está lá dentro geladinho, geladinho!”

Assim como os *enunciados exclamativos*, as *perguntas retóricas* exercem um papel de destaque no texto, pois ainda que não se busque uma resposta do interlocutor, há a simulação do diálogo. (cf. Barros, 2006):

“Como funciona a geladeira”?

“E sabe o que o há de especial em seu funcionamento?”

“Por que o ar sai por cima?”

“O que seria desses e de outros itens sem a geladeira?”

O diálogo é próprio das interações faladas, ou seja, das interações próprias da oralidade.

Com relação aos *aspectos sintáticos*, verificamos a presença de estruturas simples, podendo situar o texto numa posição intermediária entre fala e escrita (cf. Marcuschi, 2001). Dessa forma, não encontramos traços de oralidade tão marcantes e sim estruturas sintáticas que aparecem tanto no texto falado quanto no texto escrito. Destacamos a presença de períodos subordinativos com a predominância de orações adjetivas:

“Observe, então, seu lado externo: na parte de trás, há um tubo longo e sinuoso chamado serpentina, que vai de cima a baixo. Dentro dele existe a chamada “substância refrigerante”, que é conhecida assim por causa das transformações pelas quais passa para que a geladeira cumpra sua função de refrigerar. No caminho pela serpentina, essa substância passa por constantes mudanças de pressão, que alteram o seu estado.”

“No compressor, há uma válvula que estreita a passagem do líquido e aumenta a pressão dentro do tubo, transformando-o em gás.”

“Se fosse o contrário, seria difícil fazer para o ar frio, que é pesado, subir e se espalhar.”

“Enfim, é pelas divisórias que há na geladeira que o ar frio sai e se espalha, tornando tudo o que está lá dentro geladinho, geladinho!”

Notamos também alguns exemplos de orações subordinadas objetivas:

“E sabe o que há de especial no seu funcionamento? Anote aí: a função de retirar calor do interior e jogá-lo para fora.”

“Observe, então, seu lado externo: na parte de trás, há um tubo longo e sinuoso chamado serpentina, que vai de cima a baixo.”

Há uma forte presença no texto de orações subordinadas adverbiais. Como exemplo podemos citar a oração que manifesta finalidade:

“Além de gelar, esse eletrodoméstico é também muito importante para a conservação de alimentos.”

“Para entender como essa troca acontece, podemos começar prestando atenção na estrutura de geladeira por fora e por dentro.”

Há também a presença de uma oração subordinada adverbial manifestando proporcionalidade:

“O caminho continua além do compressor e a pressão vai diminuindo à medida que a serpentina passa pelo lado de dentro da geladeira.”

Texto 6

Libélula na bromélia

Espécie ficou desaparecida por 40 anos e somente foi reencontrada em 2005

Elas voam depressa e de um jeito disparatado que sempre chama a atenção. Para quem gosta de observá-las, sentar-se à beira de um laguinho ou de um riacho e fixar os olhos no espelho d'água é uma dica e tanto: pode apostar que as libélulas virão!

As libélulas apresentam cores e tamanhos variados, têm o hábito de fazer voos rasantes sobre a água. Será que fazem isso para se refrescar? Que nada! Esse é um costume das fêmeas, que batem com o final do corpo- o abdome-na água. Você se arriscaria a dizer por quê? Tempo para pensar...

Pois bem, as larvas das libélulas são exclusivamente aquáticas, então, quando a fêmea encosta o abdome na água, ela está liberando seus ovos, que depois de algum tempo vão eclodir, liberando as larvas desse inseto.

Alguns grupos de libélulas colocam os ovos em locais diferenciados, como a *Leptagrion acutum*, cujas larvas se desenvolvem na água acumulada no interior de bromélias da Mata Atlântica. Essa espécie tem um abdome considerado longo, de aproximadamente 4,5 centímetros de comprimento.

Está se perguntando se existe alguma razão especial para a preferência da *Leptagrion acutum* pelas bromélias? Então, anote: as larvas dela se alimentam de mosquitos que se desenvolvem também dentro dessas plantas. O hábito alimentar das larvas, portanto, colabora para controlar o número desses insetos que podem transmitir um incontável número de viroses.

Há muito tempo a *Leptagrion acutum* não era encontrada. Imagine você que, por 40 anos, não houve registro de sua observação por um pesquisador. Mas, em 2005, ela foi reencontrada na Reserva Biológica de Córrego Grande, no Norte do Espírito Santo, onde os pesquisadores observaram apenas dois machos e 16 fêmeas. Essa reserva fica em Conceição da Barra, mesma cidade da primeira observação.

Os estudos mostram que a situação da *Leptagrion acutum* é realmente séria: ao que tudo indica, são raros os exemplares dessa espécie. Para piorar, muitas pessoas retiram da mata as bromélias, deixando as fêmeas sem o local apropriado para colocar seus ovos.

A conservação da *Leptagrion acutum* depende especialmente de dois fatores: conhecê-la ainda mais, o que exige mais pesquisa, e preservar as poucas áreas de Mata Atlântica onde ela ainda ocorre.

Procura-se!

Nome científico: *Leptagrion acutum*

Nomes populares: libélula, jacinta e lava-bunda.

Tamanho: de 5 a 5,5 centímetros.

Local onde é encontrado: Norte do Espírito Santo.

Habitat: áreas de florestas com bromélias.

Motivo da busca: animal ameaçado de extinção!

Flávia Pereira Lima

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás.

Karina Schmidt Furieri

Universidade Federal de Viçosa

Miriam Cristina de Almeida e Paulo de Marco Júnior

Universidade Federal de Goiás.

Publicado em 26/07/2010. Atualizado em 29/07/2010. Acesso em 28/10/2010.

Análise do texto

Dentro do *cenário enunciativo* aqui exposto temos a instância narrador-narratário projetada no texto na relação eu vs você, uma debreagem actancial que caracteriza o fazer enunciativo. Essa relação é típica das interações faladas que caracterizam o texto em situações de proximidade, num cenário comunicativo marcado pela oralidade. Assim, o narrador ao tratar o narratário como *você*, já nos revela um cenário representado pelas relações de simetria entre os interlocutores, própria das conversações e das situações de intimidade:

“Imagine você que, por 40 anos, não houve registro de sua observação por um pesquisador.”

“Você se arriscaria a dizer por quê?”

Há também um narratário (*você*) que aparece implicitamente nas formas verbais que seguem:

“Para quem gosta de observá-las, sentar à beira de um laguinho ou de um riacho e fixar os olhos no espelho d’água é uma dica e tanto: pode apostar que as libélulas virão!”

“Está se perguntando se existe alguma razão especial para a preferência da Leptagrion acutum pelas bromélias? Então, anote: as larvas dela se alimentam de mosquitos que se desenvolvem também dentro dessas plantas.”

Quanto ao *léxico*, percebemos o uso do diminutivo *laguinho*, diminutivos presentes nas interações com as crianças no exemplo:

“Para quem gosta de observá-las, sentar à beira de um laguinho ou de um riacho e fixar os olhos no espelho d’água é uma dica e tanto: pode apostar que as libélulas virão!”

Assim, como registros de informalidade como estratégias enunciativas de aproximação, características típicas da oralidade e portanto, mais próximas das competências comunicativas das crianças, cabe destacar o usos de: *uma dica e tanto, pode apostar*, presentes no exemplo acima e *Que nada, Tempo para pensar* nos exemplos abaixo:

“Que nada! Esse é um costume das fêmeas, que batem com o final do corpo-o abdome-na água. Você se arriscaria a dizer por quê? Tempo para pensar...”

Há ainda dentro dos procedimentos de *figurativização* o recurso da intertextualidade presente no texto *Procura-se*. Sabemos que este gênero textual baseia-se na divulgação de pessoas desaparecidas ou comprometidas com a justiça pelas rodoviárias, aeroportos etc. Desse modo, entendemos que este texto de divulgação científica traz um estilo, ou seja, uma estilização desse tipo de texto, mas com as informações sobre a libélula. Vejamos o exemplo:

Procura-se!

Nome científico: Leptagrion acutum,

Nomes populares: libélula, jacinta e lava- bunda.

Tamanho: de 5 a 5,5 centímetros.

Local onde é encontrado: Norte do Espírito Santo.

Hábitat: áreas de florestas com bromélias

Motivo da busca: animal ameaçado de extinção!

Convém atentarmos para a presença das *perguntas retóricas* e dos *enunciados exclamativos*, que embora não tenham o propósito de obter uma resposta do interlocutor, apresentam uma “simulação do diálogo”.(cf. Barros, 2006:67):

“Será que fazem isso para se refrescar? Que nada!

Você se arriscaria a dizer por quê? Tempo para pensar...”

Quanto aos *aspectos lexicais*, notamos uma oralidade não tão marcante em comparação com os outros itens analisados, entretanto, podemos considerar as estruturas sintáticas aqui analisadas, numa posição intermediária entre a fala e a escrita. (cf. Marcuschi, 2001). Dessa forma, a sintaxe apresentada nos revela estruturas comuns que tanto tendem a aparecer na fala quanto na escrita. Destacamos alguns exemplos de orações subordinadas adjetivas que se notam no texto:

“Elas voam depressa e de um jeito disparatado que sempre chama a atenção.”

“Esse é um costume das fêmeas, que batem com o final do corpo- o abdome- na água.”

“Pois bem, as larvas das libélulas são exclusivamente aquáticas, então, quando a fêmea encosta o abdome na água, ela está liberando seus ovos, que depois de algum tempo vão eclodir, liberando as larvas desse inseto.”

“Então, anote: as larvas dela se alimentam de mosquitos que se desenvolvem também dentro dessas plantas.”

“O hábito alimentar das larvas, portanto, colabora para controlar o número desses insetos que podem transmitir um incontável número de viroses.”

*“A conservação da *Leptagrion acutum* depende especialmente de dois fatores: conhecê-la ainda mais, o que exige mais pesquisa, e preservar as poucas áreas de Mata Atlântica onde ela ainda ocorre.”*

Há exemplos de orações subordinadas substantivas objetivas:

“Para quem gosta de observá-las, sentar à beira de um laguinho ou de um riacho e fixar os olhos no espelho d’água é uma dica e tanto: pode apostar que as libélulas virão.”

“Então, anote: as larvas dela se alimentam de mosquitos que se desenvolvem também dentro dessas plantas.”

*“Os estudos mostram que a situação da *Leptagrion acutum* é realmente séria: ao que tudo indica, são raros os exemplares dessa espécie.”*

*“A conservação da *Leptagrion acutum* depende especialmente de dois fatores: conhecê-la ainda mais, o que exige pesquisa, e preservar as poucas áreas de Mata Atlântica onde ela ainda ocorre.”*

E ainda um exemplo de oração adverbial manifestando finalidade:

“O hábito alimentar das larvas, portanto, colabora para controlar o número desses insetos que podem transmitir um incontável número de viroses.”

Texto 7

Como funcionam os detergentes biodegradáveis?

Entenda por que esses produtos são menos poluentes do que os tradicionais!

Quando uma panela está engordurada, o que fazemos para limpá-la? Lavar apenas com água não dá resultado. Precisamos usar detergente ou sabão. O detergente é bastante eficaz nesse tipo de limpeza porque tanto se liga à água quanto ao óleo. Assim, ele consegue misturar o óleo na água, removendo a gordura e limpando a nossa louça!

Mas para onde vai essa mistura depois da limpeza? Se não for para alguma estação de tratamento de água, ela vai diretamente para os rios. É, o detergente da sua cozinha pode causar graves danos à natureza. Em contato com a água, ele forma uma espuma que impede a passagem do oxigênio que os peixes e outros animais usam para respirar! Mas será que tem como limpar a panela sem prejudicar o meio ambiente? A solução é usar um detergente que seja biodegradável.

As substâncias biodegradáveis são aquelas que as bactérias e microorganismos conseguem comer e, assim, decompor. Depois do trabalho feito pelos micro-organismos, as moléculas que compõem o detergente biodegradável não representam perigo para a natureza, deixam de ser tóxicas e não formam mais espuma.

Para proteger o meio ambiente, é muito importante verificar se o detergente- assim como o sabão e até mesmo o xampu que você usa- é biodegradável! Saiba que produtos assim são menos poluentes e não custam mais caro por isso.

Frederico Kronemberguer

Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós- Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Publicado em 02/08/2010. Atualizado em 02/08/2010. Acesso em 28/10/2010

Análise do texto

Notamos no *cenário enunciativo* que aqui se apresenta uma relação de simetria entre os interlocutores, que se colocam no mesmo nível, típico das conversações informais. Desse modo temos um eu que ora apresenta-se implícito na medida em que interpela um *você*:

“Para proteger o meio ambiente, é muito importante verificar se o detergente-assim como o sabão e até mesmo o xampu que você usa- é biodegradável! Saiba que produtos assim são menos poluentes e não custam mais caro por isso.”

Ora apresenta-se como um *nós* inclusivo, na medida em que se constitui pelo eu do narrador e pelo vocês do narratário, ou seja, pela relação eu/tu projetada na enunciação. (cf.Hilgert, 2009):

“Quando uma panela está engordurada, o que fazemos para limpá-la?”

“Precisamos usar um detergente ou sabão.”

“Assim, ele consegue misturar o óleo na água, removendo a gordura e limpando a nossa louça!”

De acordo com Barros (2002: 25) “o uso do nós inclusivo nos anúncios produz além dos efeitos de subjetividade e de aproximação da enunciação, próprios do uso da 1ª pessoa, o efeito de sentido de identificação com o destinatário.”

Há ainda alguns exemplos em que o narratário *você* aparece implicitamente nas formas verbais e pronominais a seguir:

“Entenda por que esses produtos são menos poluentes do que os tradicionais!”

“É o detergente da sua cozinha pode causar graves danos à natureza.”

“Saiba que produtos são menos poluentes e custam mais caro por isso!”

Com relação aos *aspectos lexicais*, notamos o registro de informalidade na expressão “*não dá resultado*”, típica da linguagem oral. Vejamos o exemplo:

“Lavar com água não dá resultado.”

Notamos também no texto os *procedimentos de figurativização* a partir do uso das relações de analogias estabelecidas, compatíveis com as competências de compreensão e interpretação das crianças. Assim, o texto inicia-se com a explicação do uso do detergente a partir da exemplificação de uma panela engordurada e da necessidade da utilização do detergente. Um exemplo presente na realidade das crianças. Vejamos:

“Quando uma panela está engordurada, o que fazemos para limpá-la? Lavar apenas com água não dá resultado. Precisamos usar detergente ou sabão. O detergente é bastante eficaz nesse tipo de limpeza porque tanto se liga à água quanto ao óleo. Assim, ele consegue misturar o óleo na água, removendo a gordura e limpando a nossa louça!”

Um outro exemplo conhecido da realidade das crianças encontramos na utilização das palavras “*sabão*” e “*xampu*”, para explicar a qualidade dos mesmos serem biodegradáveis. Assim:

“Para proteger o meio ambiente, é muito importante verificar se o detergente- assim como o sabão e até mesmo o xampu que você usa- é biodegradável! Saiba que produtos assim são menos poluentes e não custam mais caro por isso.”

Uma outra marca da oralidade presente no texto são as *perguntas retóricas*, que visam a simular um diálogo, característica esta própria das interações faladas. Logo o texto já apresenta o seu título sob a forma de uma pergunta retórica:

“Como funcionam os detergentes biodegradáveis?”

E assim seguem os demais exemplos no texto:

“Quando uma panela está engordurada, o que fazemos para limpá-la?”

“Mas para onde vai essa mistura depois da limpeza?”

“Mas será que tem como limpar a panela sem prejudicar o meio ambiente?”

Quanto aos *aspectos sintáticos*, percebemos a presença de uma oralidade não tão marcante, com estruturas sintáticas de textos escritos simples, situando-o numa posição intermediária entre fala e escrita.(cf.Marcuschi, 2001.)

É perceptível a presença marcante de orações subordinadas adjetivas e substantivas objetivas no decorrer do texto. Vejamos alguns exemplos de subordinação adjetiva:

“Em contato com a água, ele forma uma espuma que impede a passagem de oxigênio que os peixes e outros animais usam para respirar!”

“A solução é usar um detergente que seja biodegradável.”

“As substâncias biodegradáveis são aquelas que as bactérias e microrganismos conseguem comer e, assim, decompor.”

“Depois do trabalho feito pelos micro-organismos, as moléculas que compõem o detergente biodegradável não representam perigo para a natureza, deixam de ser tóxicas e não formam mais espuma.”

“Para proteger o meio ambiente, é muito importante verificar se o detergente- assim como o sabão e até mesmo o xampu que você usa- é biodegradável!”

E outro de subordinação substantiva objetiva:

“Saiba que produtos assim são menos poluentes e não custam mais caro por isso.”

Há também exemplo de oração adverbial de tempo:

“Quando uma panela está engordurada, o que fazemos para limpá-la?”

E outro exemplo de oração adverbial de finalidade:

“Para proteger o meio ambiente, é muito importante verificar se o detergente- assim como o sabão e até mesmo o xampu que você usa- é biodegradável!”

Texto 8

Você sabia que o desenho animado veio antes do cinema?

Enquanto a sétima arte foi inventada em 1895, um médico descobriu o segredo da animação em 1832!

Nós, humanos, sempre fomos fascinados pelo movimento. A idéia de animar imagens paradas é bem mais antiga que o cinema ou a TV. Há mais 30 mil anos, na pré-história, as pinturas nas cavernas já simulavam movimento com figuras de animais com várias patas, sugerindo que eles estavam correndo. Mas essas pinturas não podiam ser chamadas de desenho animado. Tal como conhecemos hoje, o desenho animado se baseia em ilusão ótica descoberta no século 19 por um fisiologista belga chamado Plateau. Isso mesmo, o pai da animação é um médico!

Plateau não estava tentando se divertir quando, em 1832, inventou a primeira máquina de desenhos animados. Ele buscava entender como a nossa visão funciona. Para isso, construiu um dispositivo chamado fenaquistoscópio, que, apesar do nome complicado, era muito simples: um disco de cartolina, com vários desenhos de um mesmo objeto em posições ligeiramente diferentes, preso a uma haste. Entre cada desenho, Plateau fez estreitas ranhuras para a luz passar. Bastava girar o disco na frente de um espelho e olhar pelas ranhuras para que a mágica do movimento acontecesse: os desenhos se moviam!

Depois que o cientista conseguiu descobrir a fórmula para a ilusão do movimento perfeito, vários outros inventores criaram suas próprias máquinas de desenho animado, que logo se tornaram uma febre entre adultos e crianças. O relojoeiro inglês William Horner, em 1834, criou o popular zootrópio: um tambor giratório com frestas. Por ele, as sequências de imagens se animam para vários espectadores ao mesmo tempo. Em 1877, o desenhista francês Emile Reynaud criou o praxinoscópio: um tambor de madeira giratório com espelhos para projetar de forma mais luminosa e para mais pessoas. A partir de 1892, Reynaud aperfeiçoou seu invento e passou a projetar publicamente as tirinhas de desenho, em sessões que chamava de teatro óptico. Foi a primeira vez que se viu um desenho animado sobre uma tela, e desde então, o sucesso das animações só cresce.

Naquela época, a fotografia ainda estava em fase de criação e, por isso, ainda não dava para substituir as sequências de desenhos por imagens do mundo real. Isso só foi acontecer muito mais tarde, em 1895, com dois irmãos franceses chamados Lumière. E assim nasceu o cinema! Isso mesmo, o cinema só surgiu porque antes alguns cientistas e artistas já haviam inventado e aperfeiçoado o desenho animado!

Marcos Magalhães

Diretor do Anima Mundi

Festival Internacional de Animação do Brasil

Publicado em 31/08/2010. Atualizado em 31/08/2010. Acesso em 28/10/2010.

Análise do texto

O texto apresenta uma *cena enunciativa* de um narrador que se dirige ao narratário tratando-o por *você*, já no próprio título do texto:

“Você sabia que o desenho animado veio antes do cinema?”

Uma outra marca de aproximação entre narrador e narratário revela-se quando o narrador se diz *nós*:

“Nós humanos, sempre fomos fascinados pelo movimento.”

“Tal como conhecemos hoje, o desenho animado se baseia em uma ilusão de ótica descoberta no século 19 por um fisiologista belga chamado Plateau.”

“ Ele buscava entender como a nossa visão funciona.”

Esse *nós* inclusivo, constitui-se pelo eu narrador e pelo você do narratário, ou seja, pela relação eu/ tu característica dos textos enunciativos. Assim de acordo com Barros (2002:25)

O uso do nós inclusivo nos anúncios produz, além dos efeitos de subjetividade e de aproximação da enunciação, próprios do uso da 1ª pessoa, o efeito de sentido de identificação com o destinatário, de anulação da distância entre o banco-destinador e o cliente-destinatário, que são apresentados como sujeitos que pensam e sentem da mesma forma.

Convém destacarmos no texto algumas *passagens enuncivas* caracterizadas pela objetividade e um certo distanciamento entre os interlocutores. Dessa forma ao explicar os procedimentos de ilusão de movimento do desenho animado, encontramos trechos explicativos apresentados de modo direto e preciso com uma terminologia específica. Como exemplo podemos citar:

“Para isso, construiu um dispositivo chamado fenaquistoscópio, que, apesar do nome complicado, era muito simples: um disco de cartolina, com vários desenhos de um mesmo objeto em posições ligeiramente diferentes, preso a uma haste. Entre cada desenho, Plateau

fez estreitas ranhuras para a luz passar. Bastava girar o disco na frente de um espelho e olhar pelas ranhuras para que a mágica do movimento acontecesse: os desenhos se moviam!”

Com relação aos *aspectos lexicais*, notamos algumas marcas de oralidade presentes nas seguintes expressões “*Isso mesmo*”, como se estivesse simulando um possível diálogo com o narratário criança, o uso do advérbio “*só*”, o uso do anafórico “*isso*”, provavelmente dispensáveis num texto que exija menos redundância e mais coesão. Vejamos os exemplos:

“Isso mesmo, o pai da animação é um médico!”

“Foi a primeira vez que se viu um desenho animado sobre uma tela e, desde então, o sucesso das animações só cresce.”

“Naquela época, a fotografia ainda estava em fase de extinção e, por isso, ainda não dava para substituir as sequências de desenhos por imagens do mundo real. Isso só foi acontecer muito mais tarde, em 1895, com dois irmãos franceses chamados Lumière. E assim nasceu o cinema! Isso mesmo, o cinema só surgiu porque antes alguns cientistas e artistas já haviam inventado e aperfeiçoado o desenho animado!”

O texto inicia com uma pergunta dirigida ao destinatário visando a uma simulação do diálogo, dessa forma a pergunta dirigida a um narratário *você* é uma característica própria das interações faladas. Sabemos que, neste caso, ainda que a pergunta apresente uma função exclusivamente *retórica*, temos uma possível “simulação do diálogo”. (cf.Barros:2006:67). Esse ato de fazer perguntas ao interlocutor *você* é um traço típico da linguagem oral, ou seja, das interações face a face.

“Você sabia que o desenho animado veio antes do cinema?”

Temos também a presença dos *enunciados exclamativos*, demonstrando uma possível simulação da interação face a face, na medida em que a expressão exclamativa representa uma possível surpresa do narratário diante das afirmações do narrador. Vejamos os exemplos:

“Tal como conhecemos hoje, o desenho animado se baseia em uma ilusão ótica descoberta no século 19 por um fisiologista belga chamado Plateau. Isso mesmo, o pai da animação é um médico!”

“Bastava girar o disco na frente de um espelho e olhar pelas ranhuras para que a mágica do movimento acontecesse: os desenhos se moviam!”

“E assim nasceu o cinema! Isso mesmo, o cinema só surgiu porque antes alguns cientistas e artistas já haviam inventado e aperfeiçoado o desenho animado!”

Com relação às *estruturas sintáticas*, podemos dizer que estas são estruturas simples, não ocorrendo marcas que revelem o texto com características próprias do texto falado. Assim, o texto situa-se numa posição intermediária entre fala e escrita (cf Marcuschi, 2001.) Como exemplo podemos mostrar a presença de orações predominantemente adjetivas. Vejamos alguns exemplos:

“Para isso, construiu um dispositivo chamado fenaquistoscópio, que, apesar do nome complicado, era muito simples: um disco de cartolina, com vários desenhos de um mesmo objeto em posições ligeiramente diferentes, preso a uma haste.”

“Depois que o cientista conseguiu descobrir a fórmula para a ilusão do movimento perfeito, vários outros inventores criaram suas próprias máquinas de desenho animado, que logo se tornaram uma febre entre adultos e crianças.”

“A partir de 1892, Reynaud aperfeiçoou seu invento e passou a projetar publicamente as tirinhas de desenho, em sessões que chamava de teatro óptico.”

Outro exemplo de oração subordinada substantiva objetiva:

“Há mais de 30 mil anos, na pré-história, as pinturas nas cavernas já simulavam movimento com figuras de animais com várias patas, sugerindo que eles estavam correndo.”

E mais algumas orações adverbiais de finalidade:

“Ele buscava entender como a nossa visão funciona. Para isso, construiu um dispositivo chamado fenaquistoscópio, que, apesar do nome complicado, era muito simples: um disco de cartolina, com vários desenhos de um mesmo objeto em posições ligeiramente diferentes, preso a uma haste.”

“Bastava girar o disco na frente de um espelho e olhar pelas ranhuras para que a mágica do movimento acontecesse: os desenhos se moviam!”

“Em 1877, o desenhista francês Emilie Reynaud criou o praxinoscópio: um tambor de madeira giratório com espelhos para projetar de forma mais luminosa e para mais pessoas.”

Texto 9

Por que algumas pessoas têm alergia à picada de insetos?

Se este é o seu caso, saiba que a resposta está ligada ao sistema de defesa do seu corpo!

Quem nunca foi picado por um inseto que atire o primeiro frasco de repelente! Em casa, no piquenique, na praia, na floresta... Mosquitos e seus parentes parecem estar por toda parte. Mas já reparou que, enquanto algumas pessoas só sentem uma leve coceirinha no local da picada, outras ficam com a pele bastante inchada, avermelhada e quente? Elas são alérgicas! Mas por quê?

É muito comum que as pessoas tenham uma reação alérgica à picada de inseto e, como o nome diz, reação é um tipo de resposta do sistema de defesa do nosso corpo. No caso das picadas, esse sistema entra em alerta quando tem contato com uma substância chamada alérgeno. A saliva dos insetos é cheia do tal alérgeno. Mas de novo a pergunta: se o alérgeno está em qualquer picada, por que algumas pessoas têm reações tão exageradas a ele?

Talvez você já tenha ouvido falar no termo “pré-disposição genética”. Ser geneticamente pré-disposto a algo é estar naturalmente mais propenso a algo. No caso da alergia, a pré-disposição está relacionada à capacidade que cada um tem para produzir anticorpos do tipo imunoglobulina E (conhecidos pela sigla IgE) depois do contato com os alérgenos. Uma pessoa alérgica vai produzir muito IgE para combater o alérgeno que recebeu na picada.

Imagine que, como duas peças de um lego ou quebra-cabeça, o alérgeno e o IgE se encaixem, formando um complexo. A ação desse complexo faz com que os vasos sanguíneos aumentem de tamanho, aumentando, também, a circulação de sangue no local. Quando isso acontece, a pele fica avermelhada, quente, inchada, dói e coça.

Agora, você já sabe: a alergia depende do que vem de fora e do que está dentro de cada pessoa. Quer dizer, depende da quantidade de alérgeno que o inseto libera no nosso corpo e da pré-disposição genética de cada um para combater esse invasor. Se esse fator ambiental (do inseto) for somado ao fator genético (da pessoa), é alergia na certa! Ainda não

se sabe muito sobre alergia, o fato é que o número de pessoas alérgicas está aumentando no mundo todo. Então, repelente para eles!

Marco Aurélio Martins

Laboratório de Inflamação

Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz

Publicado em 20/09/2010. Atualizado em 20/09/2010. Acesso em 28/10/2010.

Análise do Texto

Podemos dizer que o texto é marcado pela subjetividade no *cenário enunciativo*. O narrador é um eu não explicitado, tornando-se explícito na presença de um *você* que é o narratário, explicitamente mencionado no texto. Dessa forma o narrador não se dirige ao seu narratário dizendo eu, este chega a interpelar o narratário pelo uso do pronome de tratamento *você*:

“Talvez você, já tenha ouvido falar no termo “pré-disposição genética.”

“Agora você já sabe: a alergia depende do que vem de fora e do que está dentro de cada pessoa”.

Há aí a relação dialogal básica que estrutura as interações de proximidade. De acordo com Barros (2002:23) “a relação eu vs você produz, por excelência, os efeitos de aproximação da enunciação, de subjetividade, de relação dialógica ou recíproca entre os sujeitos”. Entendemos assim, que o autor se dirige a um leitor individualizado, instituindo uma comunicação com um interlocutor particular, criando não somente uma impressão de proximidade, como também de privacidade. Este cenário enunciativo representa uma relação de simetria de papéis, pois os interlocutores colocam-se no mesmo nível do diálogo. Desse modo “o uso da relação entre eu e você caracteriza, por isso mesmo, interações informais, íntimas e espontâneas, na conversação face a face ideal”.(cf. Barros: 2002:23). Esse narratário também aparece implicitamente nas formas verbais e pronominais que seguem:

“Se este é o seu caso, saiba que a resposta está ligada ao sistema de defesa do seu corpo”.

“Mas já reparou que, enquanto algumas pessoas só sentem uma leve coceirinha no local da picada, outras ficam com a pele bastante inchada, avermelhada e quente?”

“Imagine que, como duas peças de um lego ou quebra-cabeça, o alérgeno e o IgE se encaixem, formando um complexo.”

O texto apresenta a debreagem enunciativa, na medida em que há a presença do eu/tu e agora da enunciação no enunciado, a partir do uso da 1ª pessoa e no tempo presente no verbo. Assim, durante todo texto, percebemos um efeito de diálogo, uma ilusão de interação face a face, uma evocação da fala no texto escrito. Este texto de divulgação científica se dá no quadro de uma comunicação enunciativa pelo fato de o enunciador e o enunciatário estarem projetados no texto pela relação eu/você, uma debreagem actancial que caracteriza o fazer enunciativo. Por essa razão, a relação aqui estabelecida entre o narrador e o narratário simula uma interação face a face das conversas cotidianas que geralmente ocorrem em situações de proximidade entre os interlocutores, situando o texto numa cena de comunicação marcada pela oralidade.

Atentemos, agora, para a oralidade presente no texto acima a partir das *escolhas lexicais*. O léxico pertence a um vocabulário comum, corrente nas interações cotidianas entre crianças e entre elas e os adultos. Como exemplo podemos citar, “*coceirinha*” “*cheinha*”, “*peças de um lego ou quebra-cabeça*”, “*dói*” e “*coça*”. Vejamos os exemplos:

“Mas já reparou que, enquanto algumas pessoas só sentem uma leve coceirinha no local da picada, outras ficam com a pele bastante inchada, avermelhada e quente?”

“A saliva dos insetos é cheinha do tal alérgeno.”

“Imagine, que, como duas peças de um lego ou quebra-cabeça, o alérgeno e o IgE se encaixem, formando um complexo.”

“Quando isso acontece, a pele fica avermelhada, quente, inchada, dói e coça.”

Podemos ainda destacar outros exemplos de linguagem coloquial, utilizados na oralidade. Vejamos o uso da expressão “*Agora você já sabe*”, típica da linguagem coloquial, e portanto um registro da oralidade, simulando uma possível conversação. A presença da gíria “*é alergia na certa*” acentua a coloquialidade e portanto, a intimidade entre narrador e narratário. Vejamos os exemplos:

“Agora você já sabe: a alergia depende do que vem de fora e do que está dentro de cada pessoa.”

“Se esse fator ambiental (do inseto) for somado ao fator genético (da pessoa), é alergia na certa!”

Convém destacar a utilização do anafórico “isso”, também indicador das marcas da oralidade, pois um texto mais formal é menos redundante, mais condensado. Dessa maneira, do ponto de vista da coesão textual, o texto apresenta a redundância e a repetição como procedimentos recorrentes. Como exemplo podemos citar:

“Imagine que, como duas peças de um lego ou quebra-cabeça, o alérgeno e o IgE se encaixem, formando um complexo. A ação desse complexo faz com que os vasos sanguíneos aumentem de tamanho, aumentando, também, a circulação de sangue no local. Quando isso acontece, a pele fica avermelhada, quente, inchada, dói e coça.”

A metalinguagem do texto não compatível com a linguagem infantil é suprida pelos *procedimentos de figurativização*, como comparações, metáforas e analogias. Todas essas estratégias vão construir e apresentar o texto de divulgação científica para crianças numa linguagem que se relaciona às práticas sociais às competências linguísticas de compreensão e interpretação das crianças.

Assim, no início do texto temos o seguinte enunciado, “*Quem nunca foi picado por um inseto que atire o primeiro frasco de repelente*”. Notamos aqui clara alusão ao ditado “*Quem nunca ...que atire a primeira pedra*”. Há a relação de intertextualidade quando faz referência a um ditado popular existente.

Um outro procedimento expressivo da linguagem que aparece no texto em questão são as metáforas e as comparações entre os nomes da substância alérgeno e o nome do anticorpo (Imunoglobina E conhecido pela sigla IgE) com as duas peças de um brinquedo que se chama “*lego e o quebra-cabeça*”. Essa estratégia permite apresentar os termos em questão, em uma linguagem mais próxima da oralidade e sintonizada com a realidade e as competências de compreensão e interpretação das crianças. Cabe ainda registrar o uso das aspas como recurso metaenunciativo na expressão “*pré-disposição genética*”. De acordo com Authier- Revuz, citado por Hilgert (2009:233) “as aspas constituem um procedimento metadiscursivo por meio do qual o enunciador se distancia da palavra entre aspas para fazer uma declaração, um discurso”. No caso do texto em análise, as aspas nos permitem entender que o enunciador as utiliza para destacar uma palavra de termo científico que não faz parte do repertório linguístico das crianças. Esse distanciamento ocorre, na medida em que o enunciador ao

escrever o seu texto, utiliza-se das marcas do discurso oral, ou seja, da proximidade para estabelecer um diálogo com as crianças. Ao utilizar-se de um termo científico, distancia-se de sua linguagem e explica ao leitor o seu significado.

Um outro aspecto bastante recorrente no texto são as *perguntas retóricas* que objetivam uma simulação das interações faladas. (cf. Barros, 2006). Vejamos estas passagens:

“Por que algumas pessoas têm alergia à picada de insetos?”

“Mas já reparou que, enquanto algumas pessoas só sentem uma leve coceirinha no local da picada, outras ficam com a pele bastante inchada, avermelhada e quente? Elas são alérgicas! Mas por quê?”

Perguntas desse tipo dirigidas ao narratário imitam a interação do diálogo, em que um interlocutor faz perguntas ao outro. Embora no texto escrito não ocorra uma resposta explícita, o simples fato da pergunta sugere a possibilidade de resposta. Trata-se, por isso, de uma estratégia de produzir um efeito de conversa, ou seja, um efeito de oralidade. Ainda que a pergunta apresente somente a função retórica, ou seja, não tenha como objetivo obter a resposta do interlocutor, instala-se no texto, por esse recurso a “simulação do diálogo”. (cf.Barros,2006:67).

Com relação aos *aspectos sintáticos* das frases podemos dizer que a sua estrutura não revela uma oralidade muito marcante, na realidade, são estruturas comuns do uso das interações cotidianas, não apresentando marcas que as situem próximas da oralidade típica da fala. A sintaxe, portanto, neste texto, caracteriza-se por estar situada em uma posição intermediária “na representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita” (cf.Marcuschi, 2001:41). Desse modo, os períodos tendem a ser mais curtos, apresentando-se tanto de natureza coordenativa quanto subordinativa. As estruturas do último tipo praticamente se limitam a orações subordinadas adjetivas e substantivas objetivas.

Uma subordinada adjetiva aparece em:

“No caso da alergia, a pré-disposição genética está relacionada à capacidade que cada um tem para produzir anticorpos do tipo imunoglobulina E (conhecidos pela sigla IgE) depois do contato com os alérgenos.”

E uma subordinada substantiva objetiva se destaca em

“É muito comum que as pessoas tenham uma reação alérgica à picada de inseto e, como o nome diz, reação é um tipo de resposta do sistema de defesa do nosso corpo.”

Podemos notar que não há inversões na ordem dos termos dentro das orações, caracterizando uma construção sintática simples.

Assim, de acordo com Hilgert (2009:230):

São duas as razões principais pelas quais a oralidade caracteriza essencialmente a linguagem infantil. A primeira é o fato de as crianças estarem numa fase da vida em que predominam as práticas sociais desenvolvidas em interações de proximidade, que se realizam, linguisticamente, por manifestações medialmente faladas. As práticas de escrituralidade ainda estão ausentes. A segunda razão está na capacidade ainda limitada de as crianças fazerem operações cognitivas de natureza abstrata, o que as impele a traduzirem o seu pensamento em manifestações linguísticas marcadas pela figurativização, quando recorrem, para explicar suas noções e conceitos, a exemplos, comparações, metáforas, em suma, quando evocam elementos concretos de seu contexto existencial.

Concluimos que o texto de divulgação científica para crianças torna-se um novo texto, pois é uma paráfrase do texto original, sendo reescrito e baseado no perfil do destinatário, que não apresenta ainda a competência linguística e o conhecimento de mundo necessários para sua total compreensão. Assim sendo, este novo texto apresenta alto grau de oralidade, que é a linguagem das interações faladas, típica do universo infantil.

Os aspectos analisados nos nove textos que compõem o corpus desta dissertação, evidenciam um cenário enunciativo que projeta as marcas de oralidade no texto. Assim sendo, os textos caracterizam-se pela subjetividade da enunciação. Há a presença de um eu que estabelece um diálogo com um você, princípio básico das relações de proximidade e intimidade entre os interlocutores. Assim, de acordo com Barros (2002:23), “a relação eu vs você produz, por excelência, os efeitos de aproximação da enunciação, de subjetividade, de relação dialógica ou recíproca entre os sujeitos.” Em alguns exemplos notamos que o você aparece de forma explícita no texto, enquanto que em outros ele aparece implícito nas formas verbais e pronominais. Com relação às escolhas lexicais, notamos a presença de um vocabulário comum, típico das interações cotidianas das crianças, com a utilização frequente do diminutivo em algumas palavras, a presença de alguns termos da linguagem coloquial, e até mesmo alguns exemplos de gírias que revelam o grau de proximidade e, portanto de

intimidade, entre autor e leitor. A linguagem apresenta-se, muitas vezes, sob o recurso da figurativização, a partir das metáforas, analogias, comparações entre outros recursos que visam a aproximar o texto de divulgação científica às competências linguísticas e às condições de comunicação que ocorrem entre as crianças. As perguntas retóricas e os enunciados exclamativos também constam em nossa análise, na medida em que visam a uma simulação de diálogo quando temos perguntas dirigidas a um narratário que, ainda que não se obtenha uma resposta do seu interlocutor, procuram simular a interação face a face. Os enunciados exclamativos também imitam as interações faladas, pois sugerem uma possível surpresa do narratário diante das afirmações do narrador. A título de finalização, no que respeita às estruturas sintáticas, notamos a presença de estruturas nominais, com períodos simples e compostos, com maior predominância de orações subordinadas adjetivas e orações subordinadas substantivas objetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta dissertação foi analisar as marcas de oralidade no gênero de textos de divulgação científica para crianças. Esse gênero é caracterizado pelas marcas da oralidade, marcas, estas, que têm sua origem nos procedimentos de formulação textual, manifestando-se no cenário enunciativo, no léxico, nos procedimentos figurativos, nas estruturas sintáticas que imprimem nesse tipo de texto, as características da linguagem oral. Desse modo, a partir dos itens aqui analisados, notamos uma maior aproximação entre narrador e narratário, isto é, entre autor e leitor.

Assim, essas marcas de oralidade, são, na verdade, estratégias enunciativas utilizadas no texto para produzir os efeitos de sentido de proximidade entre os interlocutores. Podemos dizer que as marcas de oralidade nos textos de divulgação científica para crianças são projeções da enunciação nos enunciados, cuja análise foi feita, a partir dos fundamentos teóricos da enunciação, que governam a construção dos textos em geral.

Procuramos assim, reconhecer e analisar as marcas de oralidade presentes nesse tipo de texto, mostrando como essas características produzem efeitos de sentido de proximidade, pois no que se refere à linguagem, quando há a proximidade entre as pessoas, há o abandono da linguagem formal e a busca dos procedimentos da oralidade. Dessa forma, as estratégias enunciativas aqui apresentadas e analisadas ocorrem devido às escolhas do enunciador, que domina o conhecimento aqui explicitado e um enunciatário que, por sua vez, apresenta uma competência linguística ainda incipiente e um conhecimento de mundo em fase de desenvolvimento, itens, estes, necessários para a compreensão e interpretação dos textos em geral.

Cabe, portanto, ao enunciador, procurar aproximar-se do seu enunciatário, a partir dos recursos de linguagem aqui analisados, a fim de que a criança, que utiliza os recursos de linguagem das interações faladas, possa compreender e interpretar os textos em questão. Podemos dizer, assim, que os textos apresentaram muitas características da linguagem oral, no que se refere à aproximação entre enunciador e enunciatário, visando a uma simulação do diálogo, quando interpela o seu narratário por você, traço típico das interações faladas.

Notamos uma forte presença da oralidade quanto às escolhas lexicais, cujos enunciadores valem-se de um vocabulário informal corrente das interações cotidianas das crianças. E assim, seguem os demais itens analisados, como as recorrentes figurativizações

que buscam sempre aproximar-se do leitor, a partir da utilização da linguagem figurada. Temos também, como estratégia enunciativa de aproximação com a criança, as perguntas retóricas e os enunciados exclamativos que visam a uma simulação do diálogo. Entretanto, em alguns textos, percebemos que há algumas passagens enuncivas, ou seja, passagens caracterizadas pelos efeitos de sentido de objetividade e de distanciamento no que respeita a algumas explicações de termos científicos. O narrador impossibilitado, em algumas partes, em encontrar termos lexicais e figuras para explicar o fenômeno científico, mais próximos do universo infantil, utiliza a enuncividade para compor o seu texto.

Desse modo, o ato de escrever para crianças exige por parte do enunciador, uma reformulação dos textos, ou seja, faz-se necessário reescrevê-lo de acordo com a competência linguístico discursiva do seu enunciatário (cf. Hilgert, 2009). Esse processo de reformulação consiste em uma paráfrase, isto, é, “a explicação ou interpretação de um texto com outras palavras” (cf. Houaiss, 2009:556). E é justamente neste processo de reescritura do texto que percebemos o quanto o enunciador adulto que domina o conhecimento linguístico-discursivo e o enunciatário criança que ainda está em fase de desenvolvimento de suas competências linguístico-discursivas tornam-se co-autores do texto, na medida em que muitas vezes as vozes se misturam e pensamos ser a criança também autora do texto (cf. Hilgert, 2009).

Entendemos que o perfil do enunciatário desse tipo de texto, que é a criança, emerge de um cenário marcado pela subjetividade na linguagem. Assim, o leitor é visto como uma criança escolarizada, estando em fase de desenvolvimento de suas competências linguístico-discursivas, e, por essa razão, a modalidade oral ainda é uma característica marcante de suas interações cotidianas. Por esse motivo, o enunciador, se vê compelido a adotar estratégias enunciativas de aproximação que visem a simular os contextos que vivenciam as crianças. Dessa forma, entendemos que o tema escrever para crianças revela a presença e a importância da oralidade para o público infantil nos textos de divulgação científica para crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Interação em anúncios publicitários. In: PRETI, Dino (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.

_____. Entre a fala e a escrita: Algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000.

_____. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

_____. (2006). Efeitos da oralidade no texto escrito. In: D. Preti (org.), *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, v 8, 57-84. FFLCH/ USP, v.5, 17-44.

BOTELHO, José Mário. A natureza das modalidades oral e escrita. In: *Filologia, linguística e ensino*. Tomo 2, V. IX, n. 03. CIFEFIL: Rio de Janeiro, 2005, p.30 – 42.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto para estudantes universitários*. 10. ed. Petrópolis:Vozes, 2002.

ANDRADE, Maria Margarida de e HENRIQUES, Antonio. *Língua Portuguesa: Noções Básicas para Cursos Superiores*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FAVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz (Org). *Introdução à linguística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

_____. A construção do texto falado por escrito na Internet. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000.

_____.(2007). Língua falada e enunciação. *Calidoscópico*, v. 5, n. 2, maio/agosto, 69-75.

_____. A oralidade em textos de divulgação científica para crianças na perspectiva da enunciação. In: PRETI, Dino (Org.). *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, 2009.

IMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: Redação, Argumentação e Leitura*. São Paulo: Geração Editorial: 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAES, Lygia Corrêa Dias de. A sintaxe na língua falada. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

URBANO, Hudnilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

_____. Do oral para o escrito. *Anais do XXXVII Seminário do GEL*. Bauru, 1990.

Gênero Textual: Carta. Disponível em: <http://www.slideshare.net/guest4f8ac9b/gnero-textual-carta>. Acesso em: 3 de jun.2011.

São Paulo esburacada. *Agora São Paulo*, São Paulo, 17 maio.2011.Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/editorial/ult10112u916695.shtml>. Acesso em: 16 de jun.2011.

Modelo de Email Formal. *TUDOBOX.com Porque informação é tudo o que você precisa*. São Paulo,8 de abr.2010. Disponível em:

http://www.tudobox.com/460/modelo_de_email_formal.html. Acesso em: 3 de jun.2011.

Ciência Hoje das crianças. *Revista CHC /Edição 214*.Disponível em:

<http://cienciahoje.uol.com.br/materia/view/386>. Acesso em 28 de out.2010.